

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LINGUÍSTICA
MESTRADO EM LINGUÍSTICA**

ANDRÉA CRISTINA DE OLIVEIRA SILVA

**A RUÍNA ENQUANTO PATRIMÔNIO CULTURAL: A DESIGNAÇÃO DE RUÍNA
DE VILA BELA DA SANTÍSSIMA TRINDADE NA MÍDIA MATO-GROSSENSE**

CÁCERES-MT

2021

ANDRÉA CRISTINA DE OLIVEIRA SILVA

**A RUÍNA ENQUANTO PATRIMÔNIO CULTURAL: A DESIGNAÇÃO DE RUÍNA
DE VILA BELA DA SANTÍSSIMA TRINDADE NA MÍDIA MATO-GROSSENSE**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística, sob a orientação do(a) professor(a) Dr.(a) Taisir Mahmudo Karim e coorientação do(a) professor(a) Dr.(a) Giseli Veronêz da Silva

CÁCERES-MT

2021

Walter Clayton de Oliveira CRB 1/2049

S586a	<p>SILVA, Andréa Cristina de. A Ruína Enquanto Patrimônio Cultural: A Designação de Ruína de Vila Bela da Santíssima Trindade na Mídia Mato-Grossense / Andréa Cristina de Silva - Cáceres, 2021. 80 f.; 30 cm. (ilustrações) Il. color. (sim)</p>
	<p>Trabalho de Conclusão de Curso (Dissertação/Mestrado) - Curso de Pós-graduação Stricto Sensu (Mestrado Acadêmico) Linguística, Faculdade de Educação e Linguagem, Câmpus de Cáceres, Universidade do Estado de Mato Grosso, 2021. Orientador: Taisir Mahmudo Karim Coorientador: Giseli Veronêz da Silva</p>
	<p>1. Semântica do Acontecimento. 2. Patrimônio. 3. Designação. 4. Ruínas. I. Andréa Cristina de Silva. II. A Ruína Enquanto Patrimônio Cultural: A Designação de Ruína de Vila Bela da Santíssima Trindade na Mídia Mato-Grossense: .</p>
	CDU 81

ANDRÉA CRISTINA DE OLIVEIRA SILVA

**A RUÍNA ENQUANTO PATRIMÔNIO CULTURAL: A DESIGNAÇÃO DE RUÍNA
DE VILA BELA DA SANTÍSSIMA TRINDADE NA MÍDIA MATO-GROSSENSE**

BANCA EXAMINADORA

Prof.(a) Dr.(a) Taisir Mahmudo Karim
Orientador(a) – PPGL/UNEMAT

Prof. (a) Dr.(a) Rosimar Regina Rodrigues de Oliveira
Avaliador(a) Interno(a) – PPL/UEMS

Prof. (a) Dr.(a) Giseli Veronêz da Silva
Avaliador(a) Externo(a) – SEDUC – MT

Prof. (a) Dr.(a) Jocyare Cristina Pereira de Souza
Avaliador(a) Externo(a) – UNINCOR

APROVADA EM: 31/08/2021

DEDICATÓRIA

Dedico aos meus filhos

Dária Gabriela Silva de Miranda

Lucas Gabriel Silva de Miranda

Ao meu esposo, amigo e companheiro

Dário Garcia de Miranda.

E ao meu querido pai

Inocência de Assunção.

AGRADECIMENTOS

Estudar é muito além de adquirirmos conhecimento. É ultrapassar barreiras, conhecer a linguística como ciência que estuda os fatos da linguagem humana, é olhar além do concreto e do real, visto que, a língua está sempre em movimento, tomando formas e se adequando as evoluções dialógicas do nosso cotidiano.

Chegar na fase final da escrita de uma pesquisa, resulta de muitas leituras distintas que o mundo da leitura nos oferece. A leitura é um exercício que enriquece, exercita o cérebro e colabora com discussões produtivas nos tornando mais tolerante as diferenças culturais e linguísticas existentes ao nosso redor. As diferenças são constituídas de acontecimentos sócio-históricos, e através da relação do homem com a língua passa a significar as coisas existentes no mundo.

Nesse sentido, o olhar observador de um pesquisador é responsável por analisar e investigar toda a evolução e descobrimentos dos diferentes idiomas, estrutura das palavras, expressões idiomáticas e aspectos fonéticos de cada língua, bem como, o sentido que a formação de cada palavra significa.

Primeiramente agradeço a Deus, a divindade religiosa que eu cri e depusitei a minha fé para o fortalecimento espiritual.

Agradeço ao meu orientador Taisir Mahmudo Karim, incentivador que me encorajou para este desafio, com isso, estimulou o meu empenho no desenvolvimento da pesquisa.

Agradeço a minha coorientadora Giseli Veronêz da Silva, pela sua orientação, esclareceu dúvidas, e impulsionou-me no desenvolvimento deste trabalho.

Agradeço a minha colega Solange Moreira Santos Velozo, fez parte deste trajeto como um guia de incentivo dando direcionamento por onde ir e o que fazer.

Agradeço a Dária Gabriela Silva de Miranda, minha filha, amiga e companheira, foi uma guerreira, cuidou da casa, do seu irmão, para que eu saísse em busca da realização do nosso sonho.

Agradeço ao Lucas Gabriel Silva de Miranda, meu pequeno filho, obrigada por ser paciente e entender que foi preciso me ausentar para conquistar o meu, o nosso objetivo.

Agradeço ao meu esposo Dário Garcia de Miranda, dezessete anos de cumplicidade, lutas, vitórias, perseverança, conquistas, paciência, carinho, amizade e amor.

Agradeço ao meu pai Inocência de Assunção, que de maneira oculta aos outros olhos contribuiu para esta pesquisa, indicando pessoas ligadas diretamente ao município de Vila Bela da Santíssima Trindade que pudessem oferecer, indicar materiais para leitura.

A vocês minha eterna gratidão. Com o passar dos anos quero voltar aqui nesta página, e lembrar que definitivamente vocês foram o suficiente para a concretização desse objetivo. Conquistar o título de Mestre.

EPÍGRAFE

“A gratidão é um segundo prazer, que prolonga um primeiro, como um eco de alegria a alegria sentida, como uma alegria a mais para uma felicidade a mais. A gratidão é um mistério, não pelo prazer que temos com ela, mas pelo obstáculo que com ela vencemos. É a mais agradável das virtudes, e o mais virtuoso dos prazeres”.

*Pequeno Tratado das Grandes Virtudes,
André Comte - Sponville*

RESUMO

Nesta pesquisa nos propomos analisar sob a perspectiva da teoria da Semântica do Acontecimento, a teoria desenvolvida por Guimarães (2002, 2004, 2017, 2018), a designação de *ruínas de Vila Bela da Santíssima Trindade* em textos redigidos na fonte de pesquisa digital do Iphan, 2014; site da Prefeitura Municipal de Vila Bela da Santíssima Trindade, 2015; portal do Mato Grosso, 2008. De início apresentamos um estudo no qual destacamos o extrato político e social da cidade de Vila Bela da Santíssima Trindade e na sequência alguns acontecimentos históricos que demarcaram a história enunciativa que resultou no tombamento da construção da igreja que não havia sido concluída enquanto um espaço de memória e história devidamente registrada enquanto patrimônio material e cultural brasileiro. Em seguida destacamos um breve percurso teórico no qual nos amparamos para o processo analítico deste trabalho e no capítulo de análise destacamos alguns recortes devidamente selecionados para analisar o processo de designação de *ruínas* em textos disponíveis na mídia mato-grossense.

Palavras-chave: Semântica do Acontecimento; Patrimônio; Designação; ruínas.

ABSTRACT

In this research, we propose to analyze, from the perspective of the Semantics of Event theory, a theory developed by Guimarães (2002, 2004, 2017, 2018), the designation of ruins of Vila Bela da Trindade in texts written in IPHAN's digital research source, 2014; portal of the Municipality of Vila Bela da Santíssima Trindade, 2015; portal do Mato Grosso, 2008. At the beginning, we present a study in which we highlight the political and social stratum of the city of Vila Bela da Santíssima Trindade and following historical events that marked the enunciative history that resulted in the overturning of the construction of the church, which had not been completed as a space of memory and history duly registered as Brazilian material and cultural heritage. Next, we highlight a brief theoretical path on which we rely for the analytical process of this work and in the analysis chapter we highlight some excerpts duly selected to analyze the process of designating ruins in texts available in the Mato Grosso media.

Key words: Event Semantics; Patrimony; Designation, ruins.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Frontispício da Igreja Matriz De Vila Bela (1769)	53
Figura 2 A estrutura da igreja Matriz com cobertura (2006).....	66

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
CAPÍTULO I.....	16
VILA BELA DA SANTÍSSIMA TRINDADE: SENTIDOS CONSTITUTIVOS DA PALAVRA RUÍNA.....	16
1.1 A constituição da cidade de Vila Bela.....	19
1.2 A ruína de Vila Bela da Santíssima Trindade	23
1.3 Ruína, um Patrimônio Histórico	28
1.4 A Ata da 125ª Reunião Extraordinária do Conselho Consultivo do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.....	34
1.5 Ruína, como objeto de estudo.....	36
CAPÍTULO II.....	39
SEMÂNTICA DO ACONTECIMENTO: UM ESTUDO ENUNCIATIVO DA LINGUAGEM.....	39
2.1 Semântica do Acontecimento: o funcionamento da língua	40
2.2 Cena enunciativa: categorias metodológicas.....	42
2.3 A constituição da Designação e o Domínio Semântico de Determinação	44
2.4 Os modos de relação: articulação e reescrituração	45
2.5 Texto como uma unidade de análise.....	47
CAPÍTULO III	50
DESIGNAÇÃO: O FUNCIONAMENTO SEMÂNTICO DE RUÍNA	50
3.1. Descrição dos sites, processos de investigação e construção de um corpus.....	51
3.2 A designação de ruína e Igreja Matriz no site do Iphan	53
3.2.1 A constituição da cena enunciativa do recorte 1	55
3.2.2 Os modos de relação e reescrituração dos enunciados.....	57
3.2.2.1 A constituição de sentidos dos modos de reescrituração.....	60

3.3 A designação de ruína no site da prefeitura municipal de Vila Bela da Santíssima Trindade	61
3.3.1 A constituição da cena enunciativa do recorte 2	62
3.3.2 Os modos de relação e reescrituração dos enunciados	63
3.3.4 A constituição de sentidos dos modos de reescrituração.....	65
3.4 A designação de ruína no Portal Mato Grosso	66
3.4.1 A constituição da cena enunciativa do recorte 3	68
3.4.2 Os modos de relação e reescrituração dos enunciados	70
3.4.4 A constituição de sentidos dos modos de reescrituração.....	72
CONSIDERAÇÕES FINAIS	73
REFERÊNCIAS	77

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa propõe um estudo do processo de designação das ruínas de Vila Bela da Santíssima Trindade enquanto patrimônio cultural brasileiro. Com esse objetivo, aderimos os textos redigidos na fonte de pesquisa digital do Iphan, 2014; site da Prefeitura Municipal de Vila Bela da Santíssima Trindade, 2015; e o portal do Mato Grosso, 2008, por considerar que a internet é uma “janela”, isto é, um convite para que turistas e estudiosos vejam a cidade enquanto um espaço rico de história, memória e sentidos.

Apresentamos um estudo em que os sentidos se dão no e pelo funcionamento da linguagem pelo qual uma palavra funciona nomeando algo. Nesse sentido, abordamos leituras que retomam a história da construção da igreja matriz de Vila Bela da Santíssima Trindade, uma igreja matriz que foi construída no período entre a primeira metade do século XVI até a primeira metade do século XIX.

Esse foi o período da colonização no Brasil foi um acontecimento importante para a Coroa Portuguesa, na qual a intenção era dividir o território em quinze capitanias hereditárias, e quando divididas foram entregues aos donatários que tinham direitos e deveres sobre as terras. Foi um período importante na construção histórica do mato grosso, porque durante os governos o Brasil defendeu o seu perfil territorial e consolidou a sua propriedade e posse até os limites do Rio Guaporé e Mamoré. Com isso, as expressões socioculturais do país constituíam uma história significativa que ao longo dos anos ganhou espaço e destaque na sociedade brasileira.

Nosso estudo busca o significado de *ruínas*, não como um processo cronológico que possui sua própria definição, mas, como uma história enunciativa que constituiu sentidos através do funcionamento da linguagem. Analisar as *ruínas* como uma história enunciativa constitui novos sentidos a partir de enunciações que foram se inscrevendo no acontecimento da linguagem, no entanto, o sentido de *ruína* vai muito além de restos desmoronados e destruídos pelo tempo.

Frente à importância que a construção histórica da igreja matriz tem com as relações sociais e históricas em torno do Brasil Império e Brasil Colônia, em especial na identidade da primeira capital e capitania do Mato Grosso, buscamos respostas para o que significa os restos do que sobraram da construção da igreja e o que ela significa para os vilabelenses e os cidadãos brasileiros.

Nosso ponto de partida está no que Garcez, (1998, p. 46) diz,

É necessário ter em conta o caráter histórico da linguagem, a sua diversidade interna e externa, e, conseqüentemente, a impossibilidade de compreendê-la como uma unicidade lógica imanente. A linguagem é uma atividade humana cujas categorias observáveis se modificam no tempo e apresentam um funcionamento profundamente interdependente do tipo de contexto social em que ocorrem.

Consideramos esta citação, por compreender que ela nos permite ter em conta a história através da atividade da linguagem humana, e, pensar o sentido da palavra *ruína* nos enunciados nos liga a uma rede de sentidos, que se instalam no acontecimento do dizer e de uma temporalidade própria que se apresenta através da linguagem humana permitindo considerar o presente, o passado e o futuro. Portanto, este trabalho está organizado em três capítulos que apresentaremos a seguir.

No primeiro capítulo apresentamos uma abordagem em torno do município de Vila Bela da Santíssima Trindade e a construção da igreja no período da colonização, percorrendo pelos acontecimentos sócio-históricos que marcaram a trajetória do movimento desse período, haja vista que, antes de se tornar um patrimônio histórico e cultural, acontecimentos acerca do período do Brasil Colônia e Brasil Império foram cruciais para a oficialização do tombamento da construção da igreja. O tombamento advém por efeito da trajetória de guerras, conquistas, perdas e domínio político, muitas igrejas matrizes foram construídas no decorrer desse tempo, porém, algumas foram finalizadas e outras não. E outras foram destruídas pelas guerras.

No segundo capítulo abordamos conceitos semânticos desenvolvidos na linha teórica da Semântica do Acontecimento. Para isso, mobilizamos os seguintes conceitos teóricos: Acontecimento, Cena enunciativa, Espaço de enunciação, o Político. Bem como, os modos de relação por articulação (dependência, coordenação, incidência), modos de relação de reescrituração e articulação. por: substituição, elipse, expansão e condensação. Os modos de relação por: predicação, dependência, coordenação e incidência. E também abordaremos o conceito de designação, reescrituração e Domínio Semântico de Determinação.

O terceiro capítulo constitui do percurso semântico-enunciativo da história das ruínas de Vila Bela através de textos que compõem artigos retirados de *sites* do estado de Mato Grosso, a fim de observarmos durante as análises o funcionamento enunciativo da palavra e a sua relação de sentido através do acontecimento de linguagem e a produção de enunciados por locutores na situação real de comunicação. O objetivo é de forma analítica através da teoria compreendida no capítulo teórico, analisar o acontecimento da enunciação do funcionamento da língua pelos seus falantes. Assim, o objetivo principal é descrever como está se

constituindo a cena enunciativa do Locutor através da sua temporalidade própria específica de cada acontecimento enunciativo.

Ainda mais, neste mesmo capítulo trouxemos a configuração do Domínio Semântico de Determinação. trabalhamos com os DSD's das designações, atentando como a significação linguística se “reporta a”, se “relaciona a”, “diz de” alguma coisa considerando que “as palavras têm sua história de enunciação. Elas não estão em um texto como um princípio sem qualquer passado” (GUIMARÃES, 2007, p. 81). De fato, a significação linguística ela se reporta e se relaciona a alguma coisa, e isso só podemos observar através de um estudo aprofundado, porque por trás de cada palavra há uma história de enunciativa.

Na obra de (GARCEZ, p. 46-50, 1998), a autora chama a atenção para o estudo da linguagem como ação dizendo:

Não se trata mais de entender a língua como um objeto aceito a priori, um acervo imutável depositado na memória coletiva, uma herança ou um mecanismo inato ao cérebro do falante, mas trata-se de concebê-la como uma forma de ação, um modo de vida social, no qual a situação da enunciação e as condições discursivas são determinantes de sua função e, logo, de seu significado e de sua interpretação.

Nesse sentido, olhar para o funcionamento enunciativo da palavra a partir dos enunciados, possibilitam ao semanticista um olhar que abre espaço para o acolhimento de designações e construções de sentidos que determinam políticas ao longo da história do Brasil. Essas políticas constituíram a identidade religiosa de grande parte do sujeito brasileiro, sendo assim, fizemos uma sondagem pelos enunciados que constituíram o dizer de *ruínas* simbolicamente marcado pelo contexto sócio-histórico do período colonial, que, de alguma maneira constituiu relação com o real pela qual podemos falar dele.

Definitivamente, a enunciação é o acontecimento do funcionamento da língua e faz diferença na sua própria ordem. Vimos que no contexto sócio-histórico do período colonial as relações de línguas se dão em lugares de dizer no qual elas funcionam na sua relação com os falantes agenciados a dizer, aonde a desigualdade instala no centro do funcionamento da linguagem e produz novos sentidos

CAPÍTULO I

VILA BELA DA SANTÍSSIMA TRINDADE: SENTIDOS CONSTITUTIVOS DA PALAVRA RUÍNA

A princípio, o conceito histórico, tempo e espaço, constituem textos que são leituras importantes para a mediação dos conhecimentos históricos e sociais, e são fundamentais para que possamos observar as transformações ao longo do tempo e do espaço. Portanto, uma narrativa sócio-histórica está relacionada ao conceito histórico, tempo e espaço. Nesse viés vários materiais de todos os gêneros textuais estão espalhados pelo mundo, e muitos descrevem os séculos anteriores que de alguma forma são rememorados na atualidade.

Alicerçados na teoria da Semântica do Acontecimento, nos permite observar que a história não é simplesmente uma narração contada de fatos ocorridos anteriormente, mas, é uma narrativa que se dá através da linguagem humana que vão construindo aspectos da designação. “Os enunciados apresentam-se num texto que traz nele elementos que marcam sua relação com uma outra língua, própria do cotejo de línguas daquela região naquele momento da história” (GUIMARÃES, 2018, p. 30).

A história do mundo descreve a história da humanidade instituída pelos estudos arqueológicos e registro históricos. Portanto, memória é a capacidade humana, de reter fatos do passado e retransmiti-los as novas gerações através de diferentes suportes empíricos como: voz, música, imagem, textos e entre outros. Nesse sentido, podemos dizer que memória é a recordação que temos no presente e a atualidade possui as marcas de um outro tempo por pessoas que fizeram parte dela e que estão enraizadas com o passado.

Todos os seres humanos e sociedades estão enraizados no passado – o de suas famílias, comunidades, nações ou outros grupos de referência, ou mesmo de memória pessoal – e todos definem sua posição em relação a ele, positiva ou negativamente. Tanto hoje como sempre: somos quase tentados a dizer “hoje mais que nunca”. E mais, a maior experiência constitui um vasto mecanismo para comparar constantemente o passado, presente e futuro. As pessoas não podem evitar a tentativa de antever o futuro mediante alguma forma de leitura do passado (HOBSBAWN, 1998, p. 50)¹

De acordo com a citação cima, o ser humano se considera a raiz de um lugar, um lugar no qual o indivíduo desenvolve para com ele relação de identidade, afetividade e do bem estar

¹ HOBSBAWN, op. cit.

aonde sua história como cidadão foi construída, aliás, ele nasceu e cresceu nesse lugar. Desse modo, as pessoas não podem evitar a tentativa de observar com antecedência o futuro por intermédio de alguma leitura do passado. Toda leitura são textos que projetam enunciações que se deslocarão e estarão em outras enunciações, pelo fato de que a temporalidade do acontecimento faz a diferença na sua própria ordem “como se acontecimento fosse, simplesmente, o fato de que algo ocorre” (GUIMARÃES, 2018, p. 37).

Para estabelecer a definição de Guimarães (2018) dita anteriormente de um modo específico, consideraremos o acontecimento em que o município de Vila Bela da Santíssima Trindade aparece na história do Brasil como um lugar que obtém a posse do marco histórico do período Brasil Colônia e Império. E pela trajetória do estudo semântico observaremos através do funcionamento da língua a relação de alocação que se estabelece no acontecimento de enunciação.

Desde já, Vila Bela da Santíssima Trindade é um município brasileiro localizada no Estado de Mato Grosso, na região Centro oeste, aonde surgiu a colonização na beira do rio Guaporé. A princípio o povoamento se caracterizava em forma de vilas e arraiais, que com o passar dos anos ganha status de cidade, no período provincial esta região foi escolhida para sediar a capital do Estado, e Rolim de Moura ficou responsável por dar início a política de povoamento e fundação de feitorias ao longo do rio Guaporé e Madeira.

Os irmãos Fernando e Arthur Paes de Barros foram os descobridores das minas na região dos rios Guaporé, Corumbiara e Galera. Eles foram para o oeste em razão da fuga exorbitante da tributação que foi implantada pelo governador da capitania de São Paulo. Nessa maratona o tempo em que ambos estiveram residindo na cidade de Cuiabá novas descobertas auríferas na porção oeste do território foram surgindo e com elas o crescimento urbano se expandia.

Nesse espaço de tempo, surgiria a capitania de Mato Grosso que ocorreria a partir do desmembramento da capitania de São Paulo. Esses desmembramentos foram acontecendo gradativamente, Minas Gerais se desmembrou de São Paulo em 1720, Mato Grosso e Goiás por sua vez foram desmembrados da capitania de São Paulo pela carta régia de 09 de maio de 1748, e no raciocínio do rei de Portugal para promover o desmembramento das terras mato-grossenses em relação a capitania de São Paulo vários fatores estariam contribuindo para a divisão do território, a capitania de São Paulo era muito vasta e extensa, e isso dificultava a administração e o rei tinha a pretensão de fortalecer a fronteira para sua consolidação do domínio colonial português nesta porção da América, um dos seus recursos para assegurar a posse da área geográfica era originar o território a um particular na terra descoberta.

Havia fortemente a necessidade de assegurar a posse do território, pois, os aventureiros espanhóis temiam a chegada de um alvará régio proibindo a navegação pelo rio Madeira, pois, era um dos percursos utilizados por eles para as transportações das produções mercantilistas extraídas das terras mato-grossenses, e por isso, foi uma representação de força e ousadia do poder do Estado Colonial Português nos confins de suas possessões territoriais (SILVA, 2018, p. 13).

Ainda mais, de Cuiabá ele delimitou algumas ordens que precisariam ser efetivadas, como por exemplo, a criação de uma missão jesuítica na região de Santana atual Chapada dos Guimarães com o intuito de catequizar os índios. Nesta jornada a ser cumprida, o padre Augustinho veio para o Brasil com Rolim de Moura, adentrando na região oeste do Mato Grosso ministrou o trabalho de catequização com os índios da região. O Capitão General trouxe os padres e oficializou a criação dessa missão jesuítica promovendo também a concessão de cartas de sesmarias, ou seja, de lotes de terras destinados a produção de alimentos nessa região. Rolim de Moura já havia sido escolhido para assumir o comando do desenvolvimento do território mato-grossense recém descoberto.

Sob a liderança do Capitão General Rolim de Moura foi que começou o processo de intensa globalização, além da expansão marítima, o território passou a ser conhecido pelas riquezas potenciais que eram encontradas na região e era alvo de disputas acirradas entre duas Coroas Ibéricas: Portugal e Espanha (SILVA, 2018, p. 13).

Para incentivar mais vindas de novos moradores para Vila Bela, foram feitas algumas concessões e isenções dos pagamentos de impostos com o intuito de atrair uma população e efetivar a região, foi promovido também a criação da Companhia dos pedestres próxima à província de Morros e chiquitos, e com relação a defesa dessa região de fronteira com o domínio espanhol, “Uma vez que o código de 1746 não especificava as medidas para a cidade do Rio Guaporé, é bem provável que as dimensões utilizadas tenham sido estabelecidas pelo próprio capitão-general” (DELSON, 1997, p. 36).

Conforme Silva (2018), na Ata de Fundação de 1752 o local escolhido para fundar a capital e capitania de Mato Grosso, foi “a beira do rio Guaporé e ao poente da Chapada de São Francisco Xavier do Mato Grosso, no lugar da praça destinada para se levantar o Pelourinho da nova Vila que sua Majestade foi servido mandar o origir e criar nestas minas, e logo pelo dito Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor Governador e Capitão General foi dito e declarado que sem embargo do que no dito Alvará determinava Sua Majestade, que o lugar da Vila fosse escolhido por cinco homens juramentados, havia ele escolhido e aprovado este sítio para a fundação da vila” (Ata de Fundação do município, 1752).

Após a fundação de Vila Bela da Santíssima Trindade, ela passou por momentos difíceis, inclusive pela decadência que levou ao abandono, mas mesmo no seu período de recaiada teve também seu período de esplendor, mesmo com o abandono e muitas perdas atualmente podemos encontrar objetos e construções voltadas para a apreciação histórica do que restou da cidade, e o que se oficializou como um patrimônio histórico. A igreja inicialmente construída nesse período acabou se tornando restos da construção de uma estrutura inacabada “Ruína é tudo aquilo que é testemunho da história humana, mas com um aspecto bastante diverso e quase irreconhecível em relação àquele de que se revestia antes” (BRANDI, 2004, p. 65).

Passemos a seguir para a constituição do município.

1.1 A constituição da cidade de Vila Bela²

Iniciamos, destacando que a colonização do Brasil foi um empreendimento da coroa portuguesa no início do século XVI. Nesse período, os bandeirantes para adentrarem no sertão brasileiro usaram os caminhos fluviais para o transporte de escravos e mercadorias. Os caminhos percorridos foram: pelo Norte, Guaporé – Madeira – Amazonas; ao sul, pelos rios Paraguai – Paraná; a leste Paraguai – Cuiabá. Ao atravessarem os rios, os bandeirantes enfrentaram vários obstáculos, tais como, cachoeiras, corredeiras e saltos.

Então, na tentativa de amenizar essas dificuldades os bandeirantes optavam em alguns momentos por continuar a viagem a pé, por isso, era comum ver bandeirantes transportando barcos e canoas por terra. Consequentemente, os bandeirantes notaram que para superar o que passavam precisariam domar a natureza, e para isso, buscaram a sabedoria dos índios. Deve-se a esse fato, as presenças indígenas nas expedições como guias, batedores, coletores de alimentos ou guarda – costas de expedições.

Nesse interim, em 06 de agosto de 1723, Melo Palheta atingiu o rio Guaporé e viu que a margem esquerda da corrente natural de água estava habitada por espanhóis, enquanto que, o lado direito do rio ainda estava vazia. Os espanhóis chegaram primeiro na região Centro Oeste, mas não povoaram as terras, fixaram primeiramente no extremo ocidente onde

² Este texto é parte de outra pesquisa desenvolvida no ano de 2018 intitulada “A Designação da Capital e Capitania de Mato Grosso: Vila Bela da Santíssima Trindade – Um Espaço Urbano Construído no Acontecimento da Nomeação”. SILVA, A. C. de Oliveira.; Monografia de conclusão de curso. Cáceres. UNEMAT, 2018.

encontraram grande quantidade de prata e metal precioso, essas descobertas valiosas foram um dos motivos para que os bandeirantes paulistas também adentrassem pelo sertão rumo ao oeste.

Assim também, no século XVIII, os aventureiros Fernando e Arthur Paes de Barros partiram de Cuiabá e seguiram em rumo ao Oeste da Província pela descoberta de novos monções¹ juntamente com outros mineradores, foram eles os descobridores das minas de Mato Grosso nas margens do rio Galera, no Vale do Guaporé, onde anteriormente estivera o bandeirante Manoel Bicudo, o grande responsável por capturar índios.

Conforme, Bandeira (1988) a região Guaporé foi ocupada desde 1732 quando os aventureiros Paes de Barros trilharam a região a procura de índios para o aprisionamento e descobriram as minas de Mato Grosso. Essa descoberta promoveu na região, o surgimento de povoações como São Francisco Xavier e Santana, mas havia também moradores as margens do rio Jauru, do rio Galera e do Guaporé. Construir a capitania na região seria conveniente para os serviços do Rei de Portugal, pois, a vila (Vila Bela da Santíssima Trindade) seria a base do domínio português.

Joseph Barbosa de Sá (1769, p. 46), em “Relação das povoações do Mato Grosso e Cuyabá de seus princípios até os presentes tempos” ressalta que:

A localização de Vila Bela obedecia a critérios estratégicos, situando o governo no centro das áreas de mineração e nas imediações das fronteiras com a vizinha colônia castelhana do Vice Reinado do Peru. A necessidade de defesa foi fator prioritário e determinou o comportamento do poder local e suas estratégias políticas para a região. Vila Bela foi na verdade, um símbolo. Representou a força, a ousadia e o poder do Estado Colonial Português nos confins de suas possessões territoriais.

Seguindo os critérios estratégicos a localização de Vila Bela representava a ocasião em movimento, o poder do conjunto das instituições (governo) nas extremidades de um país, construir e povoar a região conquistada contribuía para garantir a posse de todo o interior. De acordo com Luiza Rios Ricci Volpato (1987, p. 38) em “A conquista da terra no Universo da pobreza” aponta:

Através da construção e povoamento da capital Portugal visava assegurar a posse de todo o interior de sua colônia. Essa medida relacionava-se aos imperativos da política colonial espanhola, que pretendia estender seus domínios a leste e se possível dominar Cuiabá.

Vejamos que havia fortemente a necessidade de assegurar a posse do território, os aventureiros espanhóis temiam a chegada de um alvará régio proibindo a navegação pelo rio Madeira, pois, era um dos percursos utilizados por eles para as transportações das produções

mercantilista extraídas das terras mato-grossenses, e por isso, foi uma representação de força e ousadia do poder do Estado Colonial Português nos confins de suas possessões territoriais.

Para as transportações de produtos extraídos da região, a posse de escravos no Vale do Guaporé estava relacionada aos padrões de ocupação do espaço fronteiriço, através da construção do aparato administrativo e militar. Pela abundância do ouro, as vilas e arraiais prosperaram tão rapidamente e a decisão de criar a capitania surgiu primeiro, mas, foi dezesseis anos depois que no lugar da vila foi edificada o município.

Com a efetiva descoberta do ouro abriu caminho para a ocupação fixa da margem direita do rio Guaporé, e para impedir que os Castelhanos tomassem posse daquela rica região a primeira atitude foi a indicação de um Capitão General para governar e a escolha recaiu na pessoa de D. Antônio Rolim de Moura Tavares.

Antônio Rolim de Moura Tavares, destacado primeiro governador Geral e Capitão General da Nova Capitania, obedecendo a ordens do reino, segue de imediato o seu destino, buscando local na região guaporeana para a sede da Capitania. Pareceu-lhe melhor a Vista Alegre, logo transformada, em 19 de março de 1752, em Vila Bela da Santíssima Trindade e ali instalou o seu governo e tomou as primeiras medidas administrativas (LEITE, 1978, p. 14).

Sob a liderança do Capitão General Rolim de Moura que as medidas administrativas foram tomadas, e assim começou o processo de intensa globalização, além da expansão marítima o território passou a ser conhecido pelas riquezas potenciais que eram encontradas na região e era alvo de disputas acirradas entre duas Coroas Ibéricas: Portugal e Espanha.

Conforme a ata de fundação de (1752), o local escolhido para fundar a capitania de Mato Grosso “a beira do rio Guaporé e ao poente da Chapada de São Francisco Xavier do Mato Grosso, no lugar da praça destinada para se levantar o Pelourinho da nova Vila que sua Majestade foi servido mandar o origir e criar nestas minas”. A confirmação para edificação do município já estava decidida.

No entanto, a nova nomeação do espaço urbano (vila) foi decretada oficialmente em 19 de março de 1752, “e logo pelo dito Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor Governador e Capitão- General foi dito e declarado que sem embargo do que no dito Alvara determinava Sua Majestade, que o lugar da Vila fosse escolhido por cinco homens juramentados, havia ele escolhido e aprovado este sítio para a fundação da vila”.

A história do povoamento do território mato-grossense especifica a intenção e a necessidade do desenvolvimento da implantação de uma Capital e Capitania naquela região considerando a ocupação histórica e social de um lugar que teve grande destaque político e econômico garantindo na época a expansão e preservação do território fronteiriço.

Diante dos fatos históricos e sociais do percurso dado para a ocupação do território e o surgimento do município, encontramos a partir dos textos que datam a historicidade de Mato Grosso, documentos institucionais como, Ata de fundação da cidade, acontecimentos históricos que nos mostraram que para se referir à região o lugar escolhido teve outros nomes, primeiro o seu nome comum vila, após, Campo do Simão, por outro nome Pouso Alegre, e também foi chamada por viajantes Vila Bela do Mato Grosso.

Após a constituição da cidade e a decisão de estabelecer a capital e capitania no alto do rio Guaporé surgiram muitas dificuldades, uma delas foi com o abastecimento, as monções cuiabanas estavam com dificuldades em transportar produtos até a capital devido o trajeto que se entrepunha entre as duas vilas, o município recém-levantado foi destruído pelas águas de março e abril, meses que choviam constantemente, por causa da enchente o pequeno município teve que ser reerguido em um local mais elevado, no lado direito do rio Guaporé, porém, quando as águas baixaram, problemas surgiram e concretizaram efetivamente o ciclo de vida e morte da população, assim como, doenças da malária, as febres sanguinolentas, as infecções intestinais, a varíola e os males pulmonares propagaram-se de forma epidêmica, e com tudo isso, iniciou-se a decadência do município.

Com esse acontecimento a transferência da capital de Vila Bela da Santíssima Trindade para Cuiabá ocorreu, o processo da ação aconteceu durante o período da independência, momento em que o Brasil rompia laços coloniais com Portugal, nesse período o cenário da decadência era da mineração (capitalismo internacional através da navegação da bacia platina).

Simultaneamente, Vila Bela estava em sua completa decadência entre as riquezas adormecidas do que um dia foi capital e capitania de Mato Grosso, e em 1873 ficou completamente deserta, da estrada o que restaram foram os vestígios dos madeiros derrubados pelas ventanias, as chuvas fortes do verão e o vigor da vegetação foi obstruído completamente. A região do Guaporé acabou se deparando com a solidão e o abandono, contudo, aquela pequena porcentagem de moradores que por ali ficaram conseguiu permanecer e sobreviver perante as dificuldades, lutaram e fizeram tudo o que foi possível para resgatar do que sobrou da cidade, e conseguiram distinguir-se aos restos do que sobrou dali.

Sendo assim, a construção da igreja matriz que ainda estava em andamento não teve a oportunidade de ser concluída, e com o passar dos anos podíamos contemplar com os nossos olhos os restos de uma construção simbólica do período da colonização no oeste de mato grosso.

1.2 A ruína de Vila Bela da Santíssima Trindade

Quando se refere ao período colonial no mato grosso, a cidade de Vila Bela é um lugar que possui maior destaque em relação a objetos e monumentos históricos dessa época, ela preserva memória dos séculos através dos vestígios do que sobraram desse tempo, ainda há objetos e construções que conseguiram ultrapassar os anos e foram resgatados como patrimônio histórico, material, imaterial e etc. Portanto, temos o privilégio de apreciar as obras, objetos e monumentos que fizeram e faz parte da cultura no Brasil até os dias de hoje, inclusive a mão de obra escrava que foi importante para a construção de igrejas matrizes erguidas no período da expansão de terras.

A participação dos negros no Brasil Colonial aconteceu a partir do momento em que a experiência colonial portuguesa estabeleceu a necessidade de um grande número de trabalhadores para ocuparem as terras e trabalhar no serviço pesado que imposto a eles, no princípio, nas grandes fazendas produtoras de cana-de-açúcar. “Tendo já realizada a exploração e dominação do litoral africano, os portugueses buscaram nos negros a mão de obra escrava para ocupar tais postos de trabalho”. (SOUZA, Rainer, 2016.).³

Os escravos privados da liberdade e submetido à vontade de um senhor foram condicionados para fazerem muitas coisas, trabalhar na construção de templos religiosos era trabalhar para as ordens religiosas no Brasil colonial. As igrejas matrizes recordam o passado da convicção de fé que se perduram até os dias de hoje.

Ao falar de igrejas, no início do século XVII os jesuítas trouxeram consigo o catolicismo para o Brasil, a fé cristã representada pela Cruz de Caravaca⁴ marca do bom convívio entre guaranis e europeu. Digamos que a convivência com os padres jesuítas selou um novo caminho para os envolvidos nessas missões, a ordem era evangelizar os índios e principalmente tribo indígena da América do Sul, juntos guaranis e europeus construíram sete missões no Brasil, oito no Paraguai e quinze na Argentina. Os jesuítas carregavam a responsabilidade da missão evangelizadora.

A igreja católica estabeleceu no mundo as missões jesuíticas e dentre os missionários haviam jesuítas da Espanha e também de outros países da Europa que saíram para a América a

3 Os negros no Brasil Colonial (ceert.org.br) Acesso em 24/05/2021.

4 Também conhecida como Cruz de Lorena e Cruz de Borgonha, é uma relíquia cristã de origem espanhola. Segundo a tradição, apareceu por milagre na cidade de Caravaca de la Cruz, Espanha, em 3 de maio de 1232, e por conter fragmentos do lenho da cruz de Cristo, eram-lhe atribuídos muitos milagres. Dicionário online Wikipédia.

fim de conseguir mais adeptos da igreja católica. “A igreja Católica, ainda na Idade Média, constituiu-se em uma grande instituição de poder, sua voz passa a determinar relações religiosas e políticas de estado em quase todo o mundo ocidental.” (ALVES et al. 2018, p. 133).

As ordens religiosas tiveram valor na história do Brasil, inclusive em relação ao Estado por meio do padroado estabelecido entre a Coroa Portuguesa e o Papa. A regra das missões jesuíticas por missionários fortaleceu a instalações de construções de igrejas matrizes na região do mato grosso, bem como, sede administrativa em algumas antigas províncias romanas, criação de colégios e casas de saúde.

O catolicismo apostólico romano implantou-se no Brasil, no período pré-colonial, por missionários que acompanhavam os colonizadores portugueses. Foram eles os responsáveis pelas instalações de paróquias e dioceses, assumindo serviços de catequização/evangelização indígena, educação nos colégios e administração das casas de saúde. (ALVES; PRIA; SILVA, 2018, p. 136).

Assim sendo, escolas foram construídas, e as primeiras do Brasil foram criadas por essas missões dando a igreja total controle sobre o conhecimento, mesmo os conhecimentos laicos. Essas ações registram os valores relacionados aos ensinamentos dessa época. No entanto, foi dado o fundamento do ensinamento brasileiro, da cultura, da educação e do ensino, que teve início através dos jesuítas contribuindo para a predominância do catolicismo no país.

Não é só no Brasil que existem igrejas matrizes com as características do período colonial, embora algumas deterioradas e outras inacabadas, dos seus restos encontra-se o símbolo da representação do lugar da monarquia e da fé cristã no Brasil que fundamentou as explicações científicas e racionalistas político - administrativa do Estado do Brasil Colônia. Muitas construções de templos religiosos dessa época foram construídas e nomeadas sob invocação dos santos como uma forma de homenageá-los.

Há representações que existem atualmente na vida brasileira e que, de algum modo, são vistas, como constantes na nossa História. A voz da Igreja, por exemplo, tem no Brasil uma força muito própria e específica. (GUIMARÃES, 2016, p. 51)

Os escravos deixaram sua marca registrada ao trabalhar forçado na construção de templos religiosos, que eram grandes e cheias de detalhes internos e externos, e que representam a época em que foi edificada, e na parte interna há imagens e monumentos representativos que homenageiam os santos que foram e são importantes para os Cristãos. O que se pretendia com a construção de grandes templos era expressar a cultura material no que

se refere a religião no Mundo Antigo, de tal forma que a construção obedecia a regras precisas, além de estar ligada a estratégias políticas. “Poderíamos dizer que a cultura material se refere a tudo aquilo de material que é produzido por uma sociedade, tudo que é feito ou utilizado pelo homem” (FUNARI, 2005, p. 85).⁵

Em razão disso, não foi diferente no oeste do Mato Grosso, cercada pela serra de Ricardo Franco e contornada pelo rio Guaporé afluente da bacia amazônica, Vila Bela da Santíssima Trindade que já foi a primeira capital de Mato Grosso tem na região as ruínas da construção da primeira igreja matriz nessa região oeste do Guaporé, o símbolo do período da escravidão no Brasil, construída por escravos trazidos da África no final do século XVII, a obra alicerçada com pedra canga e paredes de adobe resistiu ao tempo para ser testemunha da história.

Frequentemente, no contexto sócio-histórico da região, descreve-se que no dia 15 de abril de 1755 a igreja matriz começou a ser construída por uma confirmação dada por Rolim de Moura, porém, foi uma obra que não evoluiu, não ultrapassou a etapa que era o da finalização da sua construção.

A igreja matriz de Mato Grosso, refere Gonçalves da Fonseca, está edificada de pedra e barro, de uma só nave e ocupa suficiente a área à proporção de um povo, na baixa da lombada, onde desce a construção do arraial: está paramentada com asseio, tanto a capela-mor como os dois colaterais que têm no vão do arco que divide a mesma capela do corpo da igreja, de decentes ornamentos para a celebração das missas solenes e ordinárias. Não tem ainda sacrário para depósito do Augustíssimo Sacramento do Altar; razão porque não se leva por viático aos enfermos e somente se lhes ministra extrema-unção na forma permitida pela igreja. (TAUNAY, 2001, p. 49).

Segundo Taunay, raro era ver o edifício público ou particular que não estivesse fora da vertical ou que não tenha sido desabado em parte ou quase todo; as igrejas muito abaladas estruturalmente, contendo alfais de prata, tão sujas que pareciam de qualquer outro metal, ferro enferrujado ou coisa semelhante, e, frequentadas por nuvens de morcegos durante a noite. Não havia mais vestígios da cidade que não fosse as lajes destacadas, inclusive algumas foram levadas para a margem do rio como uma espécie de trilha calçada e no meio da desolação um povo guerreiro presa de moléstias periódicas vivendo em dura miséria que nem pareciam sentir.

O município recém-levantado foi destruído pelas águas e se encontrava em sua completa decadência, não havia condições que favorecessem os moradores para permanecer na região. Quando as águas baixaram problemas surgiram e contribuiu para o ciclo de vida e

5 FUNARI, op. cit.

morte da população, com o surgimento de doenças como a malária, febres sanguinolentas, infecções intestinais, varíola e os males pulmonares, propagaram-se de forma epidêmica ocasionando o início da decadência e o abandono por grande parte da população. Após esse ocorrido João de Oliveira Melo, um militar e político do século XIX, e também ministro da Marinha, passou pela região e deixou suas impressões sobre o lugar.

Em 1876, informou-me o tenente coronel João de Oliveira Melo, orçava a população de Vila Bela em pouco mais de 800 almas, toda ela de cor preta e cor tão dominante que as pessoas que não eram, mereciam contagem à parte, formando o diminutivo de quatorze, e destas só duas reconhecidamente brancas. Não mostravam as ruas da cidade o menor vestígio de calçamento, se é que algum dia o tiveram, e, como não poucas ficam abaixo do nível do Guaporé, distante umas duzentas braças contínua eram as inundações, vendo-se por toda parte resíduos das vazantes em charcos e poças, de pronto cobertos de vegetação. De todos os lados, compactos matagais de fedegoso e vassourinha ocultam cobras e comumente também não poucos jacarés vindos do rio embora pequenos. Como compensação nos largos e descampados cresce viçosa e folhuda grama à maneira de vistoso tapete (TAUNAY, 2001, p. 41).

Vejamos que da população eram em torno de 800 e dos que sobraram formava o diminutivo de quatorze que eram pessoas brancas. Nas ruas, inundações se via por toda parte, resíduos de águas vazavam formando charcos, poças, e muito matagal, não restava opções de vida sadia e abundante.

Com todo esse ocorrido no início do século XX a matriz ainda estava de pé, assim como o Palácio dos Generais, ambos localizados na praça central do município de Vila Bela. No decorrer dos anos, pouco a pouco construções vinham se deteriorando e a construção da igreja matriz também estava se acabando e ganhando aspecto de ruína, seus espessos muros de taipa de pilão, paredes em adobes de extraordinária espessura e alicerces com embasamento de cantaria em pedra canga, começavam a perder a sua estrutura original, evidentemente por causa da enchente e, por conseguinte, o abandono.

Raro é o edifício público ou particular que não esteja fora da vertical ou não tenha desabado em parte ou quase todo; as igrejas muito abaladas, contendo alfaias de prata tão sujas que parecem de qualquer outro metal, ferro enferrujado ou coisa semelhante, e frequentadas quase exclusivamente por nuvens de morcego que nelas pousam à noite (TANAY, 2001, p. 41, 42).

Com o edifício público e particular fora do lugar, a pequena cidade começava a perder suas características originais, após a enchente, não se encontrava da mesma forma, até a estrada que conduzia à Vila Maria (São Luiz de Cáceres) que em épocas passadas foi um dos locais que por mais tempo persistiu alguma população, em 1873 ficou completamente deserta,

da estrada o que restaram foram os vestígios dos madeiros derrubados pelas ventanias, as chuvas fortes do verão e o vigor da vegetação que fechou completamente a estrada.

A região do Guaporé acabou se deparando com a solidão e o abandono, contudo, a pequena porcentagem de moradores que por ali ficaram conseguiu permanecer e sobreviver perante as complicações que passavam no momento, lutaram e fizeram tudo o que foi possível para resgatar do que sobrou da cidade e unidos pela fé, tradição e cultura, conseguiram distinguir-se aos restos deixados para trás por aqueles que optaram por abandonar a região. Não era somente o município que sofria pela decadência e abandono, a construção da igreja matriz apenas iniciada com o tempo começou aparentar o desgaste pelo tempo, e os moradores que por ali permaneceram pensavam em como amenizar a perda da estrutura da constituição da história do reinado de um domínio português.

Várias tentativas foram colocadas em prática para evitar o desgaste da ruína, uma delas foi o cimento que não se adaptou aos tijolos de barro, pois, o adobe não resistiu e o cimento caiu. Ao observar a estrutura da construção da matriz podemos observar que as pedras cangas é o alicerce, e, de uma altura para cima vem a construção de adobe que não resiste de forma alguma ao cimento, já a pedra canga é tradicional na cidade de Vila Bela toda e qualquer construção existente foi feita com a pedra canga. Diante de todas essas tentativas a única solução que os moradores se adequaram para proteger do que restou foi colocando cobertura.

Logo, o tombamento da construção da igreja em ruínas se deu em 1988 pelo Governo Federal através do IPHAN, junto com o palácio dos Capitães-Generais, em 2005 foi decidido construir uma cobertura para a proteção da construção em ruínas, e em 2006 foi inaugurada. “Em 1988, o Iphan tombou as ruínas da Igreja Matriz da Santíssima Trindade e o Palácio dos Capitães Gerais, edificações de Vila Bela da Santíssima Trindade, a antiga capital da Província de Mato Grosso. No Estado, estão protegidos por tombamento o patrimônio cultural existente nas cidades de Cáceres e Cuiabá”.⁶

Afinal, o que se considera restos de uma construção em estado de destruição, não são simplesmente restos de pedras, são as marcas de uma história que foi vivenciado no passado e que acabou sendo destruído com o tempo, porém, os fatos ocorridos neste período recordamos no presente, e das leituras percorrendo pela história do período colonial no Brasil, através do estudo pelo funcionamento da linguagem temos a possibilidade de olhar para o acontecimento da enunciação como um lugar que abre espaço para o acolhimento de designações, e no

6 Página - IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional Acesso em 18/05/2021.

desenvolvimento da pesquisa observar as possibilidades de ruínas da igreja matriz, a um Patrimônio Histórico.

1.3 Ruína, um Patrimônio Histórico

Previamente, na antiguidade, as ruínas não tinham significado adquirido, mais precisamente depois do século XV, isso porque para os antigos sumérios, egípcios, gregos e romanos, as ruínas tinham a conotação de uma má administração das cidades, e isso, era um demérito para os governantes que tinham o propósito de embelezar seus impérios associando seu poder e glória aos monumentos bem conservados na cidade. Estes monumentos eram como se fosse documentos de seus feitos memoráveis em seus domínios, como também fora dele através da demonstração de poder e força aos conquistados.

Por outro lado, a construção que em ruínas que não pode ser reformado apenas restaurado é considerado um patrimônio histórico. “Patrimônio são todos os bens, materiais e imateriais, naturais ou construídos, que uma pessoa ou um povo possui ou consegue acumular” (GHIRARDELLO, Nilson; SPISSO, Beatriz. 2008, p. 13).

Os bens materiais ou naturais são representados como patrimônio histórico por descrever a história da sociedade, com isso, mecanismos de recuperação é posta em andamento com capacidade de lembrar com detalhes algo que já se viu ou leu, e a partir disso recuperá-los. A recuperação possibilita manter as características do que foi restaurado. Tudo o que consideramos como pertencente ao acervo histórico e cultural de um país ou cidade está relacionado a memória e merece ser mantida, não somente nas histórias redigidas ou contadas, mas, em instituições dedicada a conservar o valor histórico, artístico e cultural.

O conceito de memória nesta pesquisa, está ligado aos monumentos arquitetônicos, a importância dada é para o local, lugar que registra toda a sua história, é um trabalho realizado aonde se concentra o interesse pelas modificações, adaptações e explorações culturais que foram vivenciadas ao longo do tempo.

Assim a historicidade não é a relação entre algo num momento e isto transformado num momento posterior; cuja transformação se deu necessariamente pelo modo como uma lei estabeleceu [...] Para Bréal o princípio de funcionamento da linguagem está nela mesma. E assim é porque a mudança é sempre algo relativo, fundamentalmente, à significação (GUIMARÃES, 2010).

A história de uma cidade é transformada num momento posterior, a que vivemos atualmente, ou, recentemente, e só é possível através do resgate da memória que envolve

sentimento, língua e cultura, estimula e alimenta a necessidade do homem sobre si e seu passado, sobre seu presente e suas conquistas, é dessa maneira que a narrativa dos fatos traz à tona acontecimentos históricos que marcaram época se tornando oficialmente reconhecido por todos.

No período medieval, as ruínas dos monumentos e das edificações do antigo mundo clássico greco-romano passaram por ações em seus projetos originais juntamente com outras construções. As intervenções foram com, ou, sem substituições, com a intenção de criar uma unidade, e a partir desse movimento constituiu uma tarefa difícil, o da identificação das suas épocas, e o da definição dos seus estilos originais. O tipo de intervenção em que houve modificações de alguma forma tirou um pouco da qualidade do que era original dos monumentos, por outro lado, o interesse em manter suas origens era por preservar as construções respectivas de cada época sem tirar sua originalidade. Esse é o principal objetivo da recuperação de um Patrimônio Histórico.

Observando o levantamento de informações sobre ruína como Patrimônio Histórico destacamos algumas considerações de alguns autores que abordaram o conceito de restauração e conservação com relação ao que se caracterizava como ruína. Começamos por Camillo Boito (1836-1914), arquiteto, crítico de Arte e escritor italiano, formulou bases do chamado “restauro crítico” em 1883 acrescentando conceitos mais do que o “restauro estilístico” aquele restauro voltado para o estilo da obra que visava recuperar os monumentos de forma elegante feito por método histórico-analítico, a fim da conservação e restauração do patrimônio edificado, essa linha de pensamento seguiu por outros teóricos influenciados diretamente por ele, como Giovanonni (1873-1947) e Luca Beltrami (1854-1933), ambos no contexto italiano, mas o seu panorama da conservação e restauração eram voltados para o patrimônio histórico e europeu.

A restauração e conservação do que se considera patrimônio histórico concentrado nas figuras de Eugène-Emmanuel Viollet-le-Duc (1814-1879), um arquiteto, arqueólogo e escritor francês era conhecido por “restaurações interpretativas” relacionada a busca de uma unidade de estilo com as intervenções dos edifícios medievais. Por John Ruskin (1819-1900), um escritor, crítico de arte, sociólogo britânico, propõe uma atitude mais radical, para ele a intervenção é por respeito ao original e ao tempo transcorrido e ao que ele transporta aos objetos culturais e ao patrimônio arquitetônico na qual devemos nos concentrar, seu olhar era em uma conservação com vista à preservação total sem modificações do original.

O historiador de arte austro-húngaro Alois Riegl (1858-1905) também se constituiu em uma das figuras principais no contexto da história da restauração e conservação. Na sua

obra “O culto moderno aos monumentos” ele propõe conceitos de “valor rememorativo” e “valor de contemporaneidade” a qual ele chega a definir como “valor de novidade” em que consiste uma forma fechada de enunciar a necessidade do novo e intacto em uma obra recém-criada, para ele os valores são negociáveis, e, em cada caso depende do estado de conservação do contexto social e cultural em que estão inseridos.

Sendo assim, monumentos e objetos da antiguidade têm seu valor histórico de acordo com cada época e acontecimento na história da humanidade, e que podem ser apreciados nos dias atuais. Dacos, (2014, p. 17-25) menciona que artistas que fizeram suas viagens de formação a Roma mantiveram contato direto com ruínas arquitetônicas do passado glorioso e podemos testificar esse fato em suas respectivas pinturas, o registro das suas visitas pelas construções em ruínas. Segundo ele, os artistas viram cultura e conhecimento nas ruínas clássicas como conservação de um saber quase oculto.

As imagens geradas por tais ruínas foram incorporadas em obras de arte que direta ou indiretamente os artistas viveram, e em muitos casos serviu de experiências para gerações posteriores. Existem também as ruínas que vieram do conflito e geraram discussões sobre critérios de intervenção que deveriam ser seguidas, nesses casos a restauração seria maior modificando grande parte da estrutura original. Um caso especial foi a reconstrução do centro histórico de Varsóvia e Polônia, depois da destruição ocasionada pelos bombardeios aéreos as edificações das construções das ruínas foram reconstruídas sem possibilidades de manter suas características originais.

A ideia de reconstrução partiu da necessidade do que vinha acontecendo no século XX, a humanidade presenciou duas guerras que no final de tudo deram lugar a uma série de ruínas ocasionando perdas e também anexando outras novas ao Patrimônio Histórico e Artístico em todo o contexto europeu, o lugar aonde se constituiu o campo de batalha.

Após a segunda guerra mundial aonde tantas destruições ocorreram, as teorias científicas e filológicas do restauro entraram em crise exigindo um novo planejamento de ações para conservação e restauração do patrimônio edificado. Então, são lançadas as bases para a teoria do “restauro crítico” formulada por Cesare Brandi (1906-1986) que a partir das instâncias estética e histórica pelas quais os objetos artísticos e os patrimônios edificados são regidos, diz ele: “será esteticamente uma ruína qualquer resto de uma obra de arte que não possa ser desenvolvida à sua unidade potencial sem que a obra se converta em uma cópia ou uma falsificação de si mesma”. (BRANDI, 2004, p.78). Para ele mudar as características originais era como se fosse uma cópia falsa da construção.

Foram estes tempos que definiram outros tipos de ruínas, inclusive os naturais em que a perda da imagem e a intenção da recuperação do estado original seria uma suposta “falsificação histórica” com a extinção do tempo de seu reconhecimento consciente por parte do espectador. Nesta trajetória, as ruínas foram consideradas bens culturais, mas não tinha sido mencionada diretamente na Convenção de Haya UNESCO de 1954 quando a partir de estudos desenvolvidos as ruínas foram estabelecidas por três categorias: artístico, histórico, arqueológico. Dentro destas categorias podemos citar as ruínas que se encaixam como bens imóveis e que apresentam importância como patrimônio cultural, monumentos de arquitetura, de arte, ou, de história, religiosa ou laica, sítios arqueológicos, conjuntos de construções que apresentam interesse artístico, histórico ou arqueológico, bem como, os livros de arquivos e reprodução de bens definidos previamente.

Ainda mais, exemplos desta revalorização encontramos nas reflexões relacionadas às ruínas romanas descrita por Rafael na carta enviada ao Papa Leão X no ano de 1518. No documento o artista pintor e restaurador relatava a necessidade de conservar e proteger monumentos com apetrechos importantes na história da constituição de um país e teria que ser protegido para não passar por contínuas destruições.

No Brasil quando se fala de ruína, fala-se da Preservação da Memória e Patrimônio Histórico, as ruínas carregam um conceito da identidade, seja ele cultural, social, econômico, artístico ou até mesmo religioso. Desta forma, segundo Jacques Le Goff, historiador francês (1990), a memória “estabelece um vínculo entre as gerações humanas e o tempo histórico que as acompanha”. Nesse sentido, esse vínculo possibilita que a população passe a se enxergar como sujeito da história que possuem direitos, como também deveres para sua localidade.

A participação da sociedade e da população junto ao conselho de defesa do patrimônio é buscar no município pessoas interessadas no fruto deste trabalho, tendo como resultado a revitalização e a preservação da cultura local. [...] A comunidade também pode pressionar para que a preservação possa estar presente em leis municipais, numa verdadeira gestão do patrimônio: como Plano Diretor, Lei de Zoneamento, Código de Obras, etc. (GHIRARDELLO, Nilson.; SPISSO, Beatriz. 2008, p. 15)

Se a população estiver vinculada às condições sócio-históricas do seu país, cidade, ou estado, ela se sentirá no direito de participar na colaboração da manutenção da preservação do Patrimônio Histórico. Isso significa manter suas origens.

Vários projetos de proteção do patrimônio brasileiro foram salientados nos anos de 1917 e 1925, as discussões sobre a preservação da memória nacional chegaram ao Parlamento, e esses questionamentos se tornaram assuntos nos projetos da Câmara dos Deputados com o objetivo de criar órgãos de proteção ao Patrimônio nacional.

A partir das publicações de intelectuais brasileiros, a década de 1920 foi marcada por vários desses projetos institucionais apresentados ao Congresso Nacional por parlamentares que buscavam criar um órgão gerenciador que tratasse especialmente das ações de proteção do *patrimônio* dos brasileiros. No decorrer dos anos, vários projetos foram sendo apresentados com o intuito de discutir possíveis ações para essa finalidade.

No ano de 1923 foi apresentado um projeto por Luiz Cedro (deputado), nos anos seguintes de 1925 o jurista Jair Lins apresenta um esboço de Anteprojeto de Lei Federal, e em 1930, outro projeto foi apresentado, sendo este elaborado pelo Deputado José Wanderley de Araújo Pinho. Por fim, temos no ano de 1936 o Anteprojeto de Mário de Andrade. (SILVA, 2016, p. 23).

De acordo com Silva (2016), a legislação brasileira mostrava que o primeiro órgão que apresentou assuntos voltados para a preservação do patrimônio brasileiro foi criado em 1933, o IPM – Inspetoria de Monumentos Nacionais com a implementação do Decreto nº 24.735, de 14 de julho de 1934. O objetivo desse setor era impedir que objetos antigos fossem destruídos por causa da urbanização e modernização na cidade.

Algumas discussões relacionadas aos projetos, referentes aos objetos antigos com o intuito da preservação foram relevantes, e o Decreto-Lei nº 25, de 1937 foi expedido pelo presidente Getúlio Vargas. Decretado e expedido o projeto de conservação cria o órgão responsável pelo tombamento de construções históricas em ruínas.

Nasce, então, o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – SPHAN, órgão responsável pelo tombamento dos bens de valores históricos e artístico brasileiros. Subordinado ao Ministério da Educação e Saúde Pública foi criada em 13 de janeiro de 1937 e regulamentado pelo Decreto-Lei nº 25, de 30 de novembro do mesmo ano. (Idem, 2016, p. 26). A instituição passou por várias mudanças, inclusive em suas denominações e estrutura, e em 1946 torna-se Diretoria intitulada (DPHAN), por conseguinte, em 1970 passa a ser Instituto (IPHAN). O Iphan privilegiou o patrimônio material de matriz lusa, bem como, os objetos de valores e os tombamentos da arquitetura, escultura, pintura barroca colonial e outros estilos advindos dos cânones acadêmicos.

A preocupação do órgão era preservar a identidade histórica e cultural que surge no início do século XX onde as primeiras medidas aparecem em 1936 com a criação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – SPHAN, um projeto que foi criado por Mário de Andrade e alguns intelectuais da época que definia o Patrimônio Nacional como um conjunto de bens móveis e imóveis do país, lugar onde se concentrava a intenção da

conservação do interesse público, que pelo vínculo aos fatos da História do Brasil e possuía valor arqueológico, etnográfico, bibliográfico ou artístico.

O patrimônio era visto como representação do passado das sociedades, entretanto, outras finalidades foram surgindo, como o objetivo de valorizar os bens como mercadorias culturais por parte do poder público e das empresas turísticas, bem como um fator propulsor da melhoria da qualidade de vida das pessoas (SILVA, 2016, p. 26).

Vejamos que vários bens que representam a história e registram o início da atividade humana de uma região, podem ser encontrados em distintos lugares do mundo, e o município de Vila Bela da Santíssima Trindade é um desses lugares que possui um dos maiores acervos da cultura mato-grossense com áreas tombadas pelo Iphan e pelo Governo Estadual. É as margens do Rio Guaporé aonde estão as mais antigas edificações da região e também onde se localiza o Complexo Arqueológico Santo Antônio dos militares.

O Governo de Mato Grosso também é um órgão que adotou o projeto Fronteira Ocidental que desenvolve ações voltadas para a recuperação do patrimônio histórico, bem como, as pesquisas arqueológicas que é patrocinada pelo Governo. O interesse por preservar vários acervos é pelo fato de a cidade ter sido a primeira capital e capitania de Mato Grosso e possuir características que representam o século XVIII.

E, é nesse sentido, que a construção da antiga Igreja Matriz construída por escravos no período da colonização no Mato Grosso entra na categoria de patrimônio histórico, pelo fato dela possuir no seu fundamento características que retratam a constituição de um marco histórico da expansão colonial portuguesa.

Ao observar a estrutura da construção da igreja em ruínas, se via que não podia esperar mais para que ela fosse tombada, necessitaria de ser preservada oficialmente como um bem material, como patrimônio nacional brasileiro, no entanto, a decisão de fazer uma reunião extraordinária foi realizada no Conselho Consultivo do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional com todas as resoluções definidas registrada em uma ata de assembleia (documento que comprova todas as decisões) para formalizar o que foi decidido.

1.4 A Ata da 125ª Reunião Extraordinária do Conselho Consultivo do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

O Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural é o órgão colegiado de decisão máxima do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), trata-se das questões relativas voltadas ao patrimônio brasileiro material e imaterial, foi criado pela mesma lei que instituiu o Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. O Conselho Consultivo tem a função de examinar apreciar e decidir sobre questões relacionadas ao tombamento de construções históricas, registro de bens imateriais, chancela de selo, assinatura, carimbo da paisagem cultural, e a saída de bens culturais do país, além de opinar acerca de outras questões relevantes e que são apresentadas pelo direcionamento do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

As decisões em defesa dos objetos antigos, e entre outros, geravam discussões em relação a sua preservação e conservação no lugar de origem, então, para a realização das reuniões com o intuito de discutir esse assunto, o Conselho é composto pelo presidente da instituição e por um representantes dos seguintes órgãos: Instituto do Arquitetos do Brasil, Conselho Internacional de monumentos e Sítios, Sociedade e Arqueologia Brasileira, Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama), Instituto Brasileiro de Museus, Associação Brasileira de Antropologia e dos ministérios da Educação, das Cidades e do Turismo, e mais treze representantes da sociedade civil, de acordo com o Decreto n°. 6.844, de 07 de maio de 2009 (Brasil, 2009).

Com uma sala composta por todos estes representantes, vejamos trechos dessa reunião:

O Presidente passou a palavra ao Conselheiro Francisco Iglesias, relator do Processo n° 877-1-73, referente à proposta de tombamento do conjunto de ruínas da cidade de Vila Bela da Santíssima Trindade, no Estado de Mato Grosso. O Conselheiro Francisco Iglesias destacou, em seu parecer, parte da história de Vila Bela, criada em 1752, bem como o seu ciclo econômico. Reportou-se ainda, ao parecer técnico da coordenadora de Proteção, que sugere que seja a área das ruínas tombada e determinada a área de entorno delimitada de acordo com a proposta feita pela 8° DR. Considerando todas as informações técnicas do processo concluiu seu parecer propondo o tombamento das ruínas de Vila Bela, bem como a aprovação de seu entorno. O Conselheiro Gilberto Ferrez pediu a palavra para oferecer ao Patrimônio alguns negativos de fatos que ele tirou há 30 anos, em uma viagem à Vila Bela, de algumas igrejas, já em ruínas, e que tiveram seu acervo guardado numa igreja lá construída para esse fim. Mostrou-se preocupado por possível desaparecimento desse rico acervo. O Presidente do Conselho disse que iria fazer contato com a 8° DR, para pedir esclarecimento. Colocou o processo em votação, tendo sido as duas propostas aprovadas por unanimidade. (Ata

da 125ª Reunião (Extraordinária) do Conselho Consultivo do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional).

Este fragmento acima foi tirado de uma das páginas manuscritas da 125ª reunião do Conselho Consultivo do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, que foi realizada às 14:00 horas, na Fundação Casa de Rui Barbosa, na cidade do Rio de Janeiro em 30 de abril de 1987.

A ata de assembleia ou ata de reunião é um documento que comprova todas as decisões que no ato da reunião foram ressaltadas, e, ao final dela todos ali presentes assinam estando a favor do que foi acordado. Neste tipo de documento não é inserido comentários, as informações encontradas apenas abordam assuntos que foram tratados com exatidão. Ela é importante por tratar de um espaço compartilhado por muitas pessoas e não de uso exclusivo de alguém, no entanto, o assunto sobre o tombamento da construção da igreja em ruína da foi tratada em conjunto a fim de sua preservação com um bem de valor histórico e artístico.

[...] algumas discussões acerca de projetos que institucionalizam essas ações foram relevantes, mas, somente no ano de 1937, foi expedido o Decreto-lei nº 25, de 1937, pelo presidente da época Getúlio Vargas. Nasce, então, o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – SPHAN, órgão responsável pelo tombamento dos bens de valores histórico e artístico brasileiros. [...]. Desde então, a instituição passou por muitas mudanças, principalmente em suas denominações e estrutura. No ano de 1946 torna-se Diretoria (DPHAN) em seguida no ano de 1970 passa a ser Instituto (IPHAN). (SILVA, 2016, p. 26).

As discussões acerca de projetos relacionados aos bens de valores histórico e artístico brasileiro, foram decisivos para decretar o tombamento da construção da igreja, não é difícil notar ao caminhar pela cidade os vestígios do que restou da construção de um passado histórico que fortaleceu valores socioculturais para a construção da identidade de um povo. Atualmente, no centro da cidade estão as ruínas de uma Catedral construída em uma época de riquezas materiais e naturais, e o tipo de colonização foi a exploração do nosso Brasil, são memórias que estão preservadas por uma cobertura exposta.

Assim, um Patrimônio Histórico é o símbolo histórico que rememora o povoamento e exploração de uma região do país, e que deixou marcas através dos seus usos e costumes oriundos dos portugueses, índios e negros, cada qual contribuiu com parte da sua cultura para a formação daquilo que o mundo reconhece como identidade brasileira, nós somos um país miscigenado, com misturas de raças, crenças, e comidas típicas da região com influência africana. Segundo Jacques Le Goff (1990), é por esse motivo que a memória estabelece um vínculo entre as gerações humanas e o tempo histórico que as acompanha.

1.5 Ruína, como objeto de estudo

A palavra *ruína* atravessou fronteiras por meio da língua, e ao longo da sua história de enunciações através do funcionamento enunciativo da palavra construiu e constrói sentidos que entrelaçam uma rede específica de definições que hoje designam o sentido de *ruína*. Nos dicionários da Língua Portuguesa *ruína* aparece como ato ou efeito de ruir, desabamento, desmoronamento, restos de edifícios desmoronados ou destruídos pelo tempo. A partir dessas definições é possível observar que a palavra está constituída em uma rede enunciativa construída semanticamente neste lugar de estado de destruição. Essa observação nos levou à seguinte indagação: *ruína* se reduz a esse lugar definido pelo (os) dicionário (os) ou sofre deslocamento semânticos ao longo da história enunciativa?

Esta palavra pode ser encontrada como objeto de estudo nas mais diversas áreas do conhecimento, como por exemplo, na arte contemporânea, história, arquitetura e entre outros. No entanto, buscamos olhar para a palavra *ruína* do ponto de vista linguístico, tendo como base o viés teórico dos estudos enunciativos.

Ao tratar da palavra ruína, para Piranesi (2011, p. 28) além dela ser considerada como fragmentos de um passado memorável e glorioso, ainda há possibilidade de conservar como patrimônio, bem como, desenhar estas arquiteturas fragmentadas como obra de arte recalçando sentido emotivo e documental a uma só vez. Ou seja, apesar de restar apenas fragmentos há possibilidade de manter viva a história por trás desses objetos recuperando-as através da obra de arte que além de reaver o que se perdeu pode se tornar fundado em documento.

Segundo Ficacci (2011, p. 28), nesse tempo, as possibilidades de representar ruínas fictícias se constituíram em novos recursos pictóricos que se diz respeito à pintura e muito recorrentes de acordo com os cânones do barroco.

Para Calvo (1997, p. 199), ruína é um “edificio o conjunto de construcciones em avanzado estado de destrucción. Em algunos momentos, como em la época romântica, adquirieron un gran valor simbólico”. Por outro lado, conceito de ruína na visão de Soriau (1998, p. 977) “ruina del latim ruina, conserva sus dos significados: derrumbamiento y escombros resultantes del mismo; ambos en sentido próprio y figurado” o autor considera ruína voltada ao termo estético quando faz referência aos vestígios de um edifício. Conforme Cirlot, (1984, p. 506), o conceito traça um limite em torno de “seu sentido simbólico óbvio e literal, significa destruições, a vida morta”.

Dito de outro modo, o conceito de ruína observada por meio da filosofia, Hegel (2004, p. 47) faz uma referência muito significativa, “o que nos oprime é a mais rica figura, a vida mais bela encontra seu ocaso na história. Na história caminhamos entre ruínas do egrégio”. No seu ponto de vista, ruína é algo admirável que precisa ser notado, para ele a beleza das ruínas está no ocaso da história e não na aparência externa dela.

Em meio ao século XV os restos de construções em ruínas eram utilizadas nas artes como as primeiras representações da antiguidade (clássico greco-romana), partes de objetos desfeito, quebrado, mesmo em pedaços era fixado na pintura como parte religiosa, essas representações eram agregadas para compor os cenários narrativos representando a decadência do mundo pagão diante do cristianismo, nesse caso, o conceito de ruína estava frequentemente sendo utilizado no tema da natividade, festa do nascimento de Cristo, Virgem Maria e alguns santos representando a história dos povos antigos no Oriente.

Entretanto, na metade do século XVI a representação de ruína segue um conceito mais próximo ao conhecimento e cultura, alcançados através da leitura, e, talvez, mais internacionalizado pelo interesse dos artistas, porém, foi do contexto circunscrito pela região do Lácio (Itália) que essa representação seguiu um conceito mais próximo da cultura. Ruína de algum modo corresponde a um conjunto de hábitos, crenças e conhecimento de uma sociedade.

No século XVII o tema ruína passa por uma renovação, ou seja, uma nova valorização com relação a antiguidade clássica representada no barroco com a ideia do bucólico (campestre, rural, gracioso) e a natureza que se impõe entre os fragmentos duros e resistentes subindo pelas colunas, parte inferior e principal do conjunto de uma arquitetura já consagrada pelo tempo, introduzindo assim uma dialética entre cultura, natureza, razão e sensibilidade. A ruína como objeto de estudo exprime o estado de destruição no qual se encontra uma construção em ruínas, monumento histórico ou objeto cultural que possuem valores atribuídos.

Em uma publicação feita por Chrysostome Quatremère de Quincy (1755-1849) o verbete “Ruínas, Ruínas” na *Encyclopédie Méthodique: Architecture*, o autor faz um retrospecto histórico sobre os valores atribuídos a esses conjuntos, um trabalho pioneiro que apresenta parâmetros para intervenções. Vejamos a seguir a definição apresentada por Quinck:

Esta palavra, no singular e em seu sentido ordinário, exprime o estado de degradação e de destruição no qual se encontra, ou está ameaçado um edifício. Diz-se que um edifício está ameaçado de ‘ruína’, usa-se essa palavra também no singular para exprimir o estado de destruição

consumado. Mas nesse caso, é mais usual empregá-la no plural e a razão é que esse estado de destruição, apresentando a dissolução de todas as partes, de todos os materiais de um edifício, oferece melhor, no plural, a imagem da realidade. Desse modo, dir-se á que tal acidente operou a ‘ruína’ de um edifício e dir-se á que se veem em tal lugar as ‘ruínas’ desse edifício (QUINCK, 1825 apud KUHL, 2003, p. 112-113)⁷

Neste contexto, observamos que as ruínas formam parte de um universo que comportam conceitos advindos de distintas áreas do conhecimento, as quais possuem uma relação próxima das artes plásticas, como a arquitetura, a estética, a semiótica, a filosofia e etc. Mas, a língua está sempre em movimento constituindo novos sentidos, e na passagem do século XVII para o século XIX, o conceito de ruína se aproxima do documental podendo ser oficializado como documentos. Esta situação é posta em evidência pela importância da arqueologia que vinha sendo desenvolvida desde o renascimento, e no século XIX o espírito científico cresce para o lado da valorização realizado em um acordo com normas estabelecidas pelo poder público.

Assim, encontramos registro de como as ruínas se converteram em fontes de conhecimento para ter acesso a uma cultura que se manteve esquecida e que agora necessita de ser mantida. É preciso analisar os acontecimentos históricos por trás desses fragmentos, e dessa forma chegar na designação do seu sentido e o que ela significa para a cidade, população, governo, Estado e etc.

A ordem dos acontecimentos históricos foram constituindo uma série de enunciados, e, a partir de dados históricos que reúnem elementos linguísticos podemos estudar a designação das palavras existentes no mundo e o seu sentido.

Os conceitos que resultam do significado de ruínas nos permite chegar ao estudo enunciativo da palavra, a partir da história da conservação e restauração de bens culturais, como os monumentos arquitetônicos em que intervenções foram feitas com o intuito de renovação permitindo a possibilidade de “refazer” sem deixar de lado a importância dada para o lugar de memória, e assim chegar ao significado fundamentados pela linha de pesquisa da Semântica do Acontecimento que estuda o funcionamento da língua a partir dos enunciados.

7 QUINCK, op. cit.

CAPÍTULO II

SEMÂNTICA DO ACONTECIMENTO: UM ESTUDO ENUNCIATIVO DA LINGUAGEM

A Semântica do Acontecimento é uma semântica enunciativa que estuda o funcionamento enunciativo da linguagem e seu sentido. Na perspectiva teórica da Semântica do Acontecimento desenvolvida por Eduardo Guimarães, a significação constitui o centro do interesse pela linguagem, esta definição exige que se diga o que é a significação. Portanto, é preciso caracterizar o próprio sentido do que seja enunciação e assim fazer a caracterização dela. Por levar em consideração um estudo enunciativo da linguagem trago a seguinte citação. “A enunciação é o que ocorre quando alguém diz algo, quando o falante de uma língua diz uma sequência que é, de alguma maneira reconhecida pelos falantes dessa língua” (GUIMARÃES, 2018, p. 14).

O conjunto de palavras escritas em livros, documentos, Atas, artigos científicos e entre outros, agregam elementos que consideramos importante para o desenvolvimento de uma análise. Os elementos textuais são o conteúdo do trabalho propriamente dito, constituem a maior parte do trabalho, onde o autor descreve a metodologia e os materiais usados, objetos ou dados de sua pesquisa, e discussões a respeito deles. Para um semanticista o texto são unidades de análise que apresenta uma consistência interna no seu funcionamento e contém as categorias sintáticas da língua e o sistema de regras que estabelece a composição semântica de uma unidade lexical considerados traços pertinentes de sua significação. Nesse sentido, “texto é uma unidade de sentido que integra enunciados no acontecimento de enunciações” (GUIMARÃES, 2017, p. 25).

Através da linha de pesquisa da semântica do Acontecimento, o objetivo é refletir sobre como se produz historicamente o sentido de enunciados e assim de textos. Para isso, fazer uma sondagem incidindo sobre o texto, a teoria coloca em prática enunciados que por fim especificam sua significação, sendo assim, a análise terá sua especificidade. A sondagem é acatada com a intenção de mostrar o próprio funcionamento da noção de acontecimento e espaço de enunciação. Nesse sentido, a linguagem por si só é antes de tudo significar, e este é o ponto fundamental para a Semântica do Acontecimento. A enunciação ela não significa simplesmente por estar no tempo, mas, por constituir sua temporalidade de sentidos e enunciar constitui uma temporalidade de sentidos, o passado, o presente e o futuro.

A teoria desenvolvida por Eduardo Guimarães (2005, 2018), tornou-se referência para os estudos da enunciação, é uma semântica linguística construída na linguagem e no domínio da Semântica do Acontecimento, o autor redefiniu o campo da enunciação e estudou expressões para o funcionamento linguístico trazendo contribuições que não interessa somente aos semanticistas, mas também, aos analistas de discurso, filósofos da linguagem, aos historiadores geógrafos, antropólogos e a todos que interessam pelos aspectos ligados à linguagem.

Uma pesquisa desenvolvida nesse viés teórico, a língua não é observada apenas como uma estrutura, mas também como um fenômeno histórico e social. Desse modo, o autor ressalta no seguinte fragmento:

Um fenômeno histórico que funciona segundo um conjunto de regularidades, socialmente construídas, que se cruzam e podem ir permitindo mudanças nos fatos sem que isso possa ser visto como desvio ou quebra de uma regra. Quanto a uma língua, daríamos que ela é uma dispersão de regularidades linguísticas que a caracteriza, necessariamente, como fenômeno constituído sócio historicamente. (GUIMARÃES, 1998, p. 17).

A língua se constitui pelo seu falante que se forma a partir do contexto sócio histórico, conforme a citação acima, ela é uma dispersão de regularidades linguísticas que a caracteriza como fenômeno constituído na história de uma sociedade.

Por conseguinte, veremos os conceitos para os procedimentos de análise.

2.1 Semântica do Acontecimento: o funcionamento da língua

Ao estudar a relação do sentido como elementos linguísticos, Guimarães (2005), conceitua *nomeação* como o funcionamento semântico pelo qual algo recebe um nome, e a *designação* é o que se pode chamar de significação de um nome, mas não como algo abstrato. O funcionamento semântico-enunciativo constituirá a designação de um nome através do espaço de enunciação, diante disso, é preciso considerar nos textos, as relações do funcionamento designativo com as enunciações de nomeação.

Para a definição de *acontecimento*, algo é acontecimento enquanto diferença na sua própria ordem, e o que caracteriza essa diferença é o próprio acontecimento, ou seja, o acontecimento é uma nova temporalização, um novo espaço de conviviabilidade de tempos em que também há falantes que são sujeitos da língua enquanto constituídos pelo espaço de línguas. Nesse espaço de línguas o que irá caracterizar o enunciado como diferença em sua própria ordem é o *acontecimento* que temporaliza por não estar num presente de um antes e

de um depois no tempo. “O acontecimento instala uma temporalidade de sentidos que abre uma latência de futuro próprio do presente do acontecimento e funciona por um memorável que o faz significar”. (GUIMARÃES, 2005, p. 59-60).

A temporalidade constitui o seu presente e um depois que abre o lugar dos sentidos, ressaltando que, o passado não é uma lembrança ou recordação pessoal de fatos ocorridos anteriormente. O passado segundo Guimarães (2005), quando ocorrido no acontecimento é a rememoração de enunciados que se dá como parte de uma nova temporalização por estar sendo reproduzido em outro momento, e em um novo espaço de conviviabilidade de tempos, sem a qual não há sentido, acontecimento de linguagem, e enunciação. (GUIMARÃES, 2005, p. 12).

Então, o acontecimento de linguagem por se dar no espaço de enunciação é um acontecimento político que vem a ser a constituição da temporalidade do acontecimento que se faz pelo funcionamento da língua enquanto está numa relação com línguas e falantes regulada por um conjunto de normas do dizer de uma determinada língua. “Caracterizado pela contradição de uma normatividade que estabelece uma divisão do real e a afirmação de pertencimento dos que não estão incluídos. Deste modo o político é um conflito entre uma divisão normativa e desigual do real e uma redivisão pela qual os desiguais afirmam seu pertencimento”. (GUIMARÃES, 2005, p. 16).

O *político* aqui não está relacionado a algo que pertence ou está relacionada a política, negócios públicos, ao governo ou relativo à cidadania. Na Semântica do Acontecimento o aspecto *político* é constitutivo do espaço de enunciação e do acontecimento do funcionamento das línguas, a enunciação. Vejamos a definição a seguir.

Definiremos o político como segue: ele se caracteriza pela oposição entre a afirmação da igualdade em conflito com uma divisão desigual do real produzida enunciativamente pelas instituições que se organizam: organizam os lugares sociais e suas relações, identificando-os (ou seja, atribuindo-lhes sentido), e recortam o mundo das coisas, significando-as. Por este conflito o real se divide e redivide, se refaz incessantemente em nome do pertencimento de todos no todos. (GUIMARÃES, 2018, p.50)

Com relação ao *espaço de enunciação*, o conceito é definido como espaços constituídos de línguas e falantes, o falante é afetado pelos lugares sociais que permitem a dizer (locutor x). Esse falante não é uma figura empírica, mas uma figura política que está constituída nos espaços de enunciação e nos lugares de dizer. Deste modo, o falante é instituído entre línguas e as figuras de enunciação.

A *nomeação, designação, acontecimento, temporalidade, político, espaço de enunciação*, são conceitos teóricos que pertence a teoria de Eduardo Guimarães, nela reúne o

conjunto de princípios fundamentais para a Semântica do Acontecimento e da ciência da linguagem que é um estudo que consiste em observações no funcionamento da linguagem, a fim de fazer conhecer determinados fenômenos linguísticos.

Passemos agora para os termos relativo a metodologia.

2.2 Cena enunciativa: categorias metodológicas

As figuras enunciativas se classificam em *Locutor*, *locutor-x* e *enunciador*. Para o autor o *Locutor* (com L maiúsculo) representa fonte do dizer, este *Locutor* toma a palavra afetada por lugares sociais de dizer que é representado por (*locutor-x*) que fala de acordo com sua língua determinante. O *Locutor* tem um papel que se difere dos demais é “uma disparidade entre o presente do Locutor e a temporalidade do acontecimento”. (GUIMARÃES, 2005, p. 24). Dentre a metodologia aparece também *o lugar social de dizer* que é representado pelo *locutor-x*, o “x” é a variável que marca esse *lugar social* do falante (ministro, governador, estudante, morador).

Vale ressaltar que na nova reformulação da teoria de Guimarães (2018), o Locutor ao ser agenciado como aquele que diz também é agenciado por um lugar social e político, este lugar que diz é chamado de *alocutor*, um lugar oficial que ao enunciar é dividido pelo próprio agenciamento do falante, Locutor e *alocutor*. O primeiro dos lugares é chamado de Locutor, e o segundo lugar de *alocutor-x*, ou seja, *o lugar social de dizer*.

É no acontecimento da enunciação que vamos observar que não há simplesmente um falante, porque o falante é tomado como *Locutor* (L), que por outro lado, também não é uma figura única e estável homogênea. Para estar no lugar de *Locutor* é necessário estar afetado pelos lugares sociais autorizados a falar, de um certo modo e em certas línguas, ou seja, para o *Locutor* se representar como origem do que se enuncia é preciso que ele seja agenciado por um *lugar social de locutor*. E é este lugar social do *locutor* que Guimarães define de *locutor-x* que sempre vem predicado por um lugar social em que a variável x representa. É preciso distinguir o *Locutor* do lugar social do *alocutor* e só é possível enquanto ele se dá como lugar social, por exemplo, locutor-governador, locutor-professor e etc.

O *lugar de dizer* que se apresenta como individual, para Guimarães (2012), isto significa dizer que as teorias dos atos de fala têm operado sobre um desconhecimento fundamental, o de que um ato de linguagem não é uma ação individual, é a constituição de um

sentido por um agenciamento enunciativo específico. E este lugar de dizer que ele chama de *enunciador* em uma análise enunciativa vai se tratar de um *enunciador-individual*.

Por conseguinte, temos um outro *lugar de dizer* (enunciador), este se apresenta como apagamento do lugar social, é o lugar do enunciador-genérico. Este enunciador aparece por exemplo, em ditos populares, neste caso o Locutor também simula ser origem do que aqui se diz. “Mas o que aí se diz é dito, não de um lugar individual, independentemente de qualquer contexto, mas é dito do lugar de um acordo sobre o sentido de repetir o dito popular” (GUIMARÃES, 2012, p. 33).

Em uma outra definição, quando se faz uma afirmação sem qualquer modalização, como, por exemplo, “todas as pessoas morrem”, o enunciador ao se apresentar como o lugar de dizer, ele se apresenta como quem diz algo verdadeiro em virtude da relação do que diz com os fatos. Esta representação significa a identificação do lugar do enunciador com o *lugar universal*. “Ou seja, um lugar de dizer que se apresenta como não sendo social, como estando *fora* da história, ou melhor, acima dela” (GUIMARÃES, 2012, p. 33-34). Ainda mais, o *enunciador-universal* é um lugar que significa o Locutor como submetido ao regime do verdadeiro e do falso é um lugar próprio do discurso científico, embora não seja exclusivo dele.

Nesse interim, temos a *cena enunciativa* que se caracteriza por constituir modos específicos de acesso à palavra dada as relações entre as figuras de enunciações e as formas linguísticas. A *cena enunciativa* é um espaço particularizado por um conjunto específico de distribuição dos lugares de enunciação no acontecimento. As configurações específicas do agenciamento enunciativo para “aquele que fala” e “aquele para quem se fala” são lugares enunciativos, assim também, na cena enunciativa os falantes são a configuração do agenciamento enunciativo, isto é, os lugares são constituídos pelos dizeres e não por pessoas donas do seu dizer.

Assim sendo, *lugares de enunciação e posição do sujeito* é aonde funciona o *Locutor* dividido pelo próprio jogo de se representar como idêntico a si. O *lugar social* de um *Locutor* é apresentado como voz universal e o sujeito fala de uma região do interdiscurso e da posição de sujeito, na qual está dividido no *espaço de enunciação*. O enunciador universal, por exemplo, pode ser o *lugar do dizer* da enunciação para o qual a posição do sujeito no interdiscurso é a do discurso pela qual se insere.

Já a *alocução* é a relação que se constitui na cena enunciativa e se produz no acontecimento pelo agenciamento do falante ao dizer. Ao produzir a divisão dos lugares de enunciação, pelo agenciamento do falante, constitui-se uma alocução, um dizer que relaciona

o lugar que diz a um lugar ao qual se diz (GUIMARÃES, 2018, p. 72). Constitui-se assim a relação de alocação, de um lado se constitui o Locutor, instituindo para ele um Locutário (aquele para quem diz o Locutor), e por outro lado, temos o alocutor, instituindo para ele um alocutário (o lugar social para o qual se diz o alocutor). Esta divisão de lugares se chama *politopia* da cena enunciativa.

E através dessa *politopia* o autor tem como base para observar os modos de enunciação, o Domínio Semântico de Determinação (DSD) que considera as relações de atribuição de sentido.

2.3 A constituição da Designação e o Domínio Semântico de Determinação

A *designação* é o sentido de um nome que estabelece a relação desse nome com todas as coisas tomadas como existentes, vale ressaltar que esta relação não é referencial, trata-se de um processo pelo qual os nomes identificam as coisas existentes. A designação ela identifica o que existe de algum modo, e na cena enunciativa podemos observar o funcionamento semântico dos enunciados enquanto um nome que nomeia a existência das coisas no mundo. Se tomamos, por exemplo, na história da colonização Brasil colônia e Brasil Império, o modo como se determina o sentido de *ruína* pode-se mostrar que a designação dessa palavra é determinada por *patrimônio histórico e cultural*, porque se constituiu enquanto lugar de importância e reconhecimento na constituição da primeira capital e capitania de Mato Grosso.

O conceito de designação que Guimarães considera, com os estudos da significação de um nome se chega aos resultados dos DSD's (Domínio Semântico de Determinação), uma análise enunciativa que considera as relações de atribuição de sentido na qual podemos encontrar entre as palavras de um texto, ou textos, com aquela que se analisa.

A configuração do Domínio Semântico de Determinação, que é a designação de um nome, pode ser observada através da análise a partir da observação dos modos de enunciação, reescrituração e articulação, ela considera as relações de atribuição de sentido que podemos encontrar entre as palavras de um texto, e, para indicar as relações de determinação semântica (atribuição de sentido de uma expressão sobre a outra), é preciso usar uma escrita específica que represente esta relação de atribuição. Assim temos os seguintes sinais: \perp \vdash \top \perp . “O elemento que estiver na ponta do traço determina, atribui sentido, ao elemento que estiver depois do traço que interrompe o primeiro traço” (GUIMARÃES, 2018, p. 157).

Para Guimarães (2018) um elemento do enunciado pode, estando numa relação com uma predicação se referir a algo, esta expressão que se refere a algo significa em virtude de sua relação com o enunciado e com o texto, assim, o sentido de um nome constitui-se pelas relações do nome com outras palavras.

2.4 Os modos de relação: articulação e reescrituração

O conceito de reescrituração é o procedimento pelo qual a enunciação de um texto rediz o que já foi dito, ou pela forma insistente da repetição, a interpretação se dá de forma diferente, e a partir daí se define outra reescrituração de uma determinada unidade linguística. Este procedimento de análise pode-se dar por *repetição*, *substituição*, *elipse*, *expansão*, *condensação e definição*. (GUIMARÃES 2005, p. 24).

Portanto, precisamos dar atenção de modo específico aos diversos modos de redizer o que já dito. Observemos como se dá os diversos modos de reescrituração. Se for por *repetição* significa que se temos dois enunciados, a palavra que está no primeiro enunciado pode aparecer repetida no segundo enunciado, e assim sucessivamente. Neste caso os termos de sinais é reescriturado por repetição, repetir ou redizer, e isto é decisivo no andamento dos enunciados e na sua relação com outros, é por esta repetição que podemos dizer qual o sentido de sinais, se é por *sinonímia* ou *hiperonímia*, isto está relacionado com os modos de significar dos enunciados. Em outras palavras, “o modo de reescrituração não é correlato direto de modos de significar [...] assim podemos encontrar variadas relações entre o modo reescrituração e o sentido dela” (GUIMARÃES, 2018, p. 93).

A reescrituração por *sinonímia* atribui sentido ao predicar um termo sobre o outro, o que mostra o movimento polissêmico da reescrituração em geral e até mesmo da *sinonímia*. A *sinonímia* pode ser produzida ou ligada por repetições. De um lado podemos considerar a *repetição* de um termo, que ao ser repetido teremos uma definição para ela, por outro lado, a palavra foi anteriormente substituída por um determinado termo, isto leva a reconsiderar o termo que já havia sido substituído anteriormente como *sinônimo* ou *hipônimo* de termo científico. “As relações de *sinonímia*, e entre elas *hiponímia* e *hiperonímia*, são constituídas pelo acontecimento enunciativo” (GUIMARÃES, 2018, p. 90).

Nesse sentido, o modo de reescrituração pode produzir uma relação de *especificação* como na *substituição* de um sentido definido, neste caso a reescrituração claramente atribui sentido ao reescriturado pela expressão que o reescritura. Temos também, uma relação de

desenvolvimento que pode ser vista pela expansão na reescrituração da produção de um desenvolvimento do sentido.

Por conseguinte, a reescrituração por *condensação* tem seu sentido de *globalização* por se apresentar claramente como uma *totalização* da reescrituração de toda uma sequência que vem no final de um enunciado do texto que foi reescriturado, e o *totalizador/globalizador* determina as partes totalizadas, e esta determinação sobre as partes totalizadas também se dá no sentido inverso, por *enumeração*. Quando expandida por enumeração o enumerado determina as expressões enumeradoras.

O processo de reescrituração liga pontos de um texto com outros do mesmo texto, e mesmo pontos de um texto com pontos de outro texto (GUIMARÃES, 2018, p. 93). Para o semanticista é um processo que ao se dar como texto produz sentido na medida em que ao retomar alguma expressão faz com que ela signifique de outro modo, e o modo pelo qual os sentidos se produz são variados. Enfim, todos esses modos de relação e reescrituração que foram trazidos nesse subtítulo constituem a designação.

Nesse sentido, a organização das contiguidades linguísticas se dá como uma relação local significada pela enunciação entre elementos linguísticos. As relações locais de contiguidade que não redizendo afetam as expressões linguísticas no interior dos enunciados ou na relação entre eles, e se constituem por *dependência*, *coordenação* e *incidência*.

Sobre a descrição dos modos de relação por *articulação* temos: a *articulação por dependência* se dá quando os elementos contíguos se organizam por uma relação que constitui no conjunto um só elemento (GUIMARÃES, 2018, p. 81).

A *articulação por coordenação* se dá por um processo de acúmulo de elementos numa relação de contiguidade (Idem). Enquanto a *incidência* é a relação que se dá entre um elemento de uma natureza, e outro, de outra natureza, de modo a formar um novo elemento do tipo do segundo (Idem). Estas relações podem se dar em níveis diferentes por causa dos modos distintos de relação no qual foi ressaltado mais acima.

Com isso podemos observar que o texto integra enunciados através de uma relação transversal, e nas palavras do autor a relação de integração é aquela que constitui sentido, ela se caracteriza por ser uma relação de um elemento linguístico de um nível com um elemento de nível superior. E não se trata de uma relação caracterizada pela segmentalidade, a integração se faz por uma relação transversal entre elementos diversos e a unidade à qual se reportam. “A relação entre os elementos não é de contiguidade, não se marca pela direção da segmentalidade” (Idem, 2011, p. 43).

Afinal, o texto como unidade de análise nos permitirá verificar o funcionamento da linguagem que constituíram os sentidos de *ruína*, e faremos isso a partir das unidades de análises que foram recortadas para o desenvolvimento das análises.

2.5 Texto como uma unidade de análise

Para a semântica da enunciação os textos são unidades complexas de significação em que é preciso definir e caracterizar o que seja um texto, é uma definição que considera de modo direto que o texto é uma unidade de significação, e chegando no seu significado podemos definir o que ela designa.

Segundo Guimarães (2012) o texto integra enunciados, ou dito de outro modo, o texto é integrado por enunciados. E é isto que faz com que o texto seja texto e faça sentido. Ele tomou para exemplificar uma unidade de significação um mapa (imagem) das ruas de uma cidade, o mapa se caracteriza, segundo o autor, por apresentar um conjunto de indicações de localizações de ruas, e, por trazer os nomes destas ruas por alguma notação qualquer. Para ele o mapa não é simplesmente um desenho ou conjunto de linhas e traços, ao mesmo tempo, traz nomes que estão vinculados a uma representação do espaço da cidade e estes nomes se organizam nele por contiguidade. Deste modo, o texto é uma unidade no sentido de ser algo finito que se caracteriza por integrar enunciados que significam em virtude da sua relação com outras unidades de linguagem.

Ele ressalta que ao observar o mapa, podemos olhar com atenção os nomes e ver que são enunciados porque integram texto, mas que também têm uma forma. Por exemplo, os nomes de ruas são nomes que podem vir articulados morfossintaticamente a outros elementos linguísticos, isso porque os enunciados trazem marcas que indicam que eles se relacionam enquanto enunciados de um determinado texto. Se pensarmos em texto como um artigo de jornal, por exemplo, nos deparamos com outro modo de integração de enunciados ao texto.

Por isso, tudo o que existe significa em uma realidade composta por formas ou ideias eternas e intangíveis, foram designados como tal porque a acepção que restringe seu uso à denotação de um único elemento dentre a coletividade que ela pertence fizeram sentido. Vejamos que não são apenas nomes, frases, palavras ou objetos, que possuem sentidos linguísticos, por outro lado, construções de prédios, escolas e igrejas antigas, também significam além da sua exterioridade física, ela pode ser observada pelo funcionamento da

linguagem através da integração por fazer parte da existência de uma Antiguidade mostrando uma concepção histórica e específica dos povos.

Pelo fato de a língua estar constituída a partir do fenômeno sócio histórico, as relações de sentido não são segmentais, mas são normalmente transversais, sobrepostas, etc., pode-se considerar nesta relação de sentido a integração de um modo novo, e assim caracterizar o texto não somente composto por segmentos, mas, como integrados por elementos linguísticos de diferentes níveis que significam em virtude de integrarem a uma unidade linguística.

Assim, estamos diante de um aspecto importante do que caracteriza um texto: ele se apresenta enunciativamente enquanto unidade de integração por uma relação com a exterioridade, por uma relação com um lugar social de locutor, e é exatamente por isso que a relação de sentido e de integração não é segmental, não se reduz à linearidade. Considerar o texto linearmente seria pensa-lo como uma unidade empírica ou como unidade lógica da ordem do Locutor.

Frequentemente, o que vai interessar em um texto é o funcionamento linguístico do que as palavras designam enquanto unidades que funcionam em enunciados no acontecimento enunciativo. Assim, analisar a enunciação não é tratar o funcionamento de uma expressão em um texto no momento e lugar que este se deu, mas é analisar as cenas enunciativas nas quais estão integradas expressões e palavras que constituem o seu sentido pelo texto que se constrói.

Logo, os métodos de análise se movimentam dentro do que chamamos enunciação, o processo enunciativo da nomeação pode envolver lugares de dizer distintos, o que coloca em evidência que uma enunciação nomeia o que está existente no mundo pelo fato dela estar citando enunciações diversas, e a língua estar sempre em movimento através do ato da fala pela comunicação oral.

O enunciado é construído na linguagem através da língua, e através do sujeito, o sentido das coisas existentes no mundo são constituídos de forma que não é cronológica, mas, simbólica. Para a ciência linguística o que precisa é se reportar a ordem dos fatos, é preciso olhar como a sociedade funciona, os fatos da significação estão relacionados com o que está fora da língua, conceitos abstratos dizem coisas do real, no entanto, a ciência pode ser regulada como uma realidade que transcende a experiência sensível capaz de fornecer fundamento a todas as ciências particulares. Observar de forma analítica o deslocamento semântico do sentido dos enunciados através dos estudos linguísticos, é importante para se chegar a um conceito ou uma definição teórica, as línguas são vivas no sentido de estar em movimento, elas mudam e desaparecem pela teoria naturalista, mas que pode sim, ser reconstruído.

Para (GUIMARÃES, 2018), o acontecimento da enunciação se apresenta como um acontecimento de linguagem, pelo fato de o termo enunciação estar presente nos estudos linguísticos, e a significação é considerada como sentido por ser produzida pela enunciação e pelo funcionamento das línguas num espaço de enunciação, e este funcionamento das línguas agencia os falantes a dizer nas condições deste do espaço enunciativo.

Passemos a seguir para o desenvolvimento das análises enunciativas, de acordo com a definição teórica discutida neste trabalho.

CAPÍTULO III

DESIGNAÇÃO: O FUNCIONAMENTO SEMÂNTICO DE RUÍNA

Afinal, toda cidade tem história, e os museus e monumentos cumprem sua função social e didática de eternizá-la e torná-la conhecida (SILVA, 2013, p. 70).

Iniciamos este capítulo com Silva (2013) por compartilhar do mesmo ideal. Ao trazer os acontecimentos sócio-histórico por intermédio da leitura, o relato da história do Brasil e seus municípios contribui para o desenvolvimento das análises enunciativas como uma unidade linguística. O que resulta do seu contexto histórico e social está na divisão do tempo definido por alguns fatos circunstâncias, ou fenômenos específicos. Partindo dessa premissa, neste capítulo trazemos análise dos recortes das notícias publicadas em *sites* oficiais que dizem sobre o município de Vila Bela da Santíssima Trindade e a construção da igreja matriz no período da colonização na região oeste do mato grosso, a partir do que consideramos texto.

Textos são as unidades de análises complexas de significação, “texto é uma unidade de sentido que integra enunciados no acontecimento de enunciação” (GUIMARÃES, 2012, p. 25).

Para o desenvolvimento desta pesquisa, fizemos uma busca por distintos gêneros textuais que abordassem o acontecimento da enunciação referente a construção da igreja em ruínas do município de Vila Bela da Santíssima Trindade. Atualmente, a construção da igreja apenas iniciada encontra-se tombado pelo Iphan. Com esse objetivo, de descobrir o que as ruínas significam para os vilabelenses e para os cidadãos brasileiros, aderimos os textos redigidos na fonte de pesquisa digital do Iphan, 2014; site da Prefeitura Municipal de Vila Bela da Santíssima Trindade, 2015; portal do Mato Grosso, 2008.

Após selecionar os materiais, extraímos os recortes que serão analisados neste estudo, a fim de observarmos o funcionamento da linguagem no acontecimento da enunciação. Utilizaremos como embasamento para as análises, a teoria da Semântica do Acontecimento (2018). Para tanto, vale considerar que Guimarães (2018), toma a posição assumida nesta obra como nos demais trabalhos dessa linha teórica, considerando a semântica uma disciplina linguística no qual o objetivo é compreender o funcionamento da linguagem e das línguas. Ainda mais, um aspecto importante é que o acontecimento da enunciação constitui uma temporalidade de sentidos, o passado, o presente e o futuro que significa no acontecimento da

linguagem. De onde vem o acontecimento de linguagem selecionados para esta pesquisa?

Veremos a seguir a descrição dos sites que colaborou para a construção de um *corpus*.

3.1. Descrição dos sites, processos de investigação e construção de um corpus

Para esta pesquisa, utilizamos como material de investigação *sites/portais* da *web* que apresentam dizeres oficiais sobre a construção da igreja em ruínas do município de Vila Bela da Santíssima Trindade, isto é, *sites* oficiais dos governos locais ou estadual que apresentam, rememoram as notícias sobre o patrimônio mato-grossense. Assim, ao utilizarmos a tecnologia como ferramenta de busca consideramos que ela agrega habilidades, métodos e processos usados na produção de bens, serviços, realização de objetivos, investigações científicas e entre outros, ou seja, a *web* é uma “janela” para a expansão da comunicação, bem como, publicações de todas as categorias, sejam elas livros, artigos, notícias, reportagens, etc.

Partindo dessa premissa, a primeira busca para a seleção do corpus foi no *site* do Iphan. O Iphan (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Cultural) é uma autarquia federal vinculada ao Ministério do Turismo que é responsável pela preservação do Patrimônio Cultural Brasileiro e que foi criada para manter viva através das ruínas, monumentos e objetos a história e cultura de um lugar.

Desde a criação do Instituto, em 13 de janeiro de 1937, por meio da Lei nº 378, assinada pelo então presidente Getúlio Vargas, os conceitos que orientam a atuação do Instituto têm evoluído mantendo sempre uma relação com os marcos legais. A Constituição Brasileira de 1988, em seu artigo 216, define o patrimônio cultural como formas de expressão, modos de criar, fazer e viver. Também são reconhecidas as criações científicas, artísticas e tecnológicas; as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; e, ainda, os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico (Fonte do Iphan⁸).

Como vimos na citação acima a definição do patrimônio cultural pela Constituição Brasileira são formas de expressão reconhecidas pelas criações científicas, artísticas e tecnológicas; as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; e, ainda, os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico

Na sequência da organização do material investigado, fizemos também uma busca no *site* intitulado *Portal Mato Grosso*. Neste espaço virtual reúne-se distintas notícias sobre o

8 Home - IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional Acesso em: 23/04/2021

estado de Mato Grosso, seus municípios, sua história, política, esportes, cultura e diversas notícias que dizem sobre os fatos ocorridos no estado. Do mesmo modo, o site do Governo do Estado também contribui para o acesso as informações idealizadas e gerido pela Secretaria de Estado de Gestão. Pela importância dada ao uso da internet, não podemos deixar de considerar que ela é uma ferramenta que facilita a vida do cidadão mato-grossense para encontrar respostas para suas indagações com relação aos acontecimentos da região em que mora.

O terceiro *site* recortado para essa pesquisa é o da *prefeitura municipal de Vila Bela da Santíssima Trindade*. Neste portal encontra-se serviços como Leis Municipais, Decretos, Diário Oficial do TCE-MT (Tribunal de Contas de Mato Grosso), Diário Oficial dos Municípios-MT, Licitações, Serviços DAE (Documento de Arrecadação Estadual) e Portaria CEISS, Controle Eletrônico de ISS. Todas estas opções e entre outras, podem ser encontradas no site da prefeitura, bem como, a informação a respeito dos acontecimentos ou mudança recente na cidade.

A partir da união desses *sites* que compõe o nosso *corpus*, selecionamos recortes de notícias que apresentam em seus enunciados dizeres sobre a construção da igreja em ruínas, nela estão o acontecimento da enunciação de uma prática social que inclui na sua definição uma relação com o sujeito, especificamente com a produção do sentido presente no acontecimento do dizer, este acontecimento por sua vez “se dá como parte de uma nova temporalização, tal como a latência de futuro” (Guimarães, 2017, p.16).

É desta posição que iremos refletir sobre a enunciação e sentido da palavra *ruína*, vamos nos aderir dos conceitos de designação e modos de relação e reescrituração, constituídos no âmbito da Semântica do Acontecimento. O *corpus* se constitui do enunciado dos textos retirados dos sites oficiais que dizem sobre as *ruínas de Vila Bela da Santíssima Trindade*, e os recortes serão fragmentos de notícias publicadas nestes meios de comunicação. Analisaremos o acontecimento do funcionamento da língua, e como ela produz sentido na cena enunciativa, e o resultado será a formação de DSD's, o Domínio Semântico de Determinação.

3.2 A designação de ruína e Igreja Matriz no site do Iphan

Merecem ser preservados os monumentos e as construções que caracterizam um determinado período de sua história (Volpato, 1987, p. 24).

De acordo com Volpato (1987), os monumentos e as construções por determinarem o período da sua história merecem ser preservadas. Vejamos a seguir a representação da planta para a construção da Igreja Matriz, este era o projeto de construção do edifício e do seu frontispício. De início podemos notar que a sua estrutura possui traços que caracteriza um determinado período da história.



Frontispício da Igreja Matriz de Vila Bela. Autor desconhecido (1769).
Acervo do Arquivo Histórico Ultramarino, Portugal.

Figura 1 Frontispício da Igreja Matriz De Vila Bela (1769)

O intuito era que ela funcionasse como um mapa, sendo o principal instrumento de representação, e a partir dela fosse executada a construção da igreja.

[...] fazer o desenho de uma vila, cidade, estado, etc., vai além de distribuições e demarcações territoriais. São sentidos que dizem da história política e administrativa de um lugar, e a projeção do que poderá se tornar futuramente fica sob a responsabilidade de seus administradores, moradores.

Ou seja, são os sujeitos que contam a história e determinam o futuro de uma região, e, assim, desenham a planta de um lugar. (SILVA, Giseli Veronez et al., 2021, p.322).

De acordo com o nosso estudo, o desenho da estrutura da matriz significa além de suas distribuições e marcações territoriais, nela constitui sentidos que estão relacionados a história política e administrativa da região, e os seus administradores foram sujeitos que descreveu a história e determinaram o futuro do município que por fim constituem a planta da construção da igreja.

Como já apresentado no primeiro capítulo, a construção deste monumento mato-grossense se deu em um período conturbado para o oeste de Mato Grosso no que se refere à economia. Certos fatores como a criação da capital e capitania do Estado, a decadência do município e, por conseguinte o tombamento da construção da igreja são acontecimentos que registram um período sócio-histórico e constitui na sua história a temporalidade do acontecimento, que nos permite analisar o funcionamento da linguagem a partir dos fragmentos selecionados para esta pesquisa.

Passemos ao primeiro recorte:

R 1. Ruínas da Igreja Matriz - As ruínas constituem um marco histórico da expansão colonial portuguesa, e as paredes em adobes têm extraordinária espessura e alicerces com embasamento de cantaria em pedra canga. **A matriz** nunca chegou a ser concluída, provavelmente, por ter sua construção iniciada no período da decadência de Vila Bela. Em 1905, durante a permanência da expedição do Marechal Rondon, no local, o local foi fotografado e há registro da Igreja Matriz ainda de pé. Rondon deixou a descrição: "**A Igreja Matriz da Santíssima Trindade** é um edifício muito alto ainda não concluído, faltando o frontispício e as duas torres, cuja construção fora apenas iniciada. O seu fundamento é de pedra canga, o pedestal e parte das paredes na altura deste são de cantaria da mesma pedra. Só a parte superior das paredes é de adobes (tijolos crus) sendo estes da largura de 1,50m" (Fonte do Iphan, 2014) (grifos nosso).

Vejamos a seguir como se constitui a cena enunciativa deste recorte.

3.2.1 A constituição da cena enunciativa do recorte 1

Primeiramente, destacamos que para Guimarães (2012), em uma análise não se pode pensar em seguir a linearidade textual.

O recorte é um fragmento do acontecimento de enunciação. “Não se trata simplesmente de uma sequência, mas de formas linguísticas que aparecem como correlacionadas em virtude de terem uma mesma relação com o acontecimento, independentemente da posição na sequência” (GUIMARÃES, 2012, p. 58).

Utilizaremos esta definição como embasamento para a análise de todos os recortes deste capítulo.

Temos aqui, o acontecimento do funcionamento da língua neste espaço de enunciação da língua portuguesa, e as línguas funcionam na sua relação com falantes. O que especifica o acontecimento é a constituição da temporalidade própria que constitui a cena enunciativa. Os lugares de dizer do alocutor tem uma desigualdade instalada no centro do funcionamento da linguagem, uma divisão desigual do real produzida enunciativamente pelas instituições que o organizam, são os lugares sociais e suas relações que atribuem sentido.

Na cena enunciativa o Locutor se divide, “Esta divisão se faz num acontecimento cuja temporalidade recorta uma memória de dizeres populares estereotipados” (GUIMARÃES, 2017, p.39). Então, temos a divisão das figuras enunciativas que se caracteriza como enunciador universal (E1) que está na perspectiva de historiador, e temos o enunciador individual (E2), que se caracteriza como um sertanista brasileiro desbravador.

Na temporalidade do acontecimento aonde se caracteriza o (E1), o alocutor que se apresenta é o alocutor-historiador enquanto agenciado por este lugar, mas, que enuncia numa relação de sobreposição do alocutor-jornalista, e no agenciamento do falante (E2), se apresenta o alocutor-Marechal Rondon.

Vale ressaltar que o alocutor sertanista brasileiro que se apresenta na constituição da cena enunciativa não é um sertanista qualquer, estamos falando de um alocutor que ocupa um lugar de destaque no país, inclusive no governo e também no oeste de mato grosso, toda a reverência que possa fazer à sua memória é justificável, ele é considerado um herói da Pátria, inclusive seu nome consta no livro “Heróis da Pátria”. O texto do livro foi aprovado em caráter conclusivo para a sansão presidencial. O mato-grossense, que saiu do distrito de Mimoso, em Santo Antônio de Leverger, para se consagrar como um dos principais heróis nacionais, se tornou o 43º personagem a ter seus feitos registrados no livro histórico, guardado no Panteão da Pátria Tancredo Neves na Praça dos Três Poderes em Brasília.

Portanto, ele se apresenta como o alocutor-Marechal Rondon ocupando um lugar de importância para o país.

Vejamos a seguir o dizer do alocutor-Marechal. E deste lugar de dizer enuncia, lugar de dizer de um desbravador.

(1). A Igreja Matriz da Santíssima Trindade é um edifício muito alto ainda não concluído, faltando o frontispício e as duas torres, cuja construção fora apenas iniciada. O seu fundamento é de pedra canga, o pedestal e parte das paredes na altura deste são de cantaria da mesma pedra. Só a parte superior das paredes é de adobes (tijolos crus) sendo estes da largura de 1,50m

Observando na cena enunciativa o agenciamento do falante, podemos ver que o relato do alocutor-Marechal Rondon não é um simples relato de um bandeirante que penetrava o sertão à procura de riquezas alcançando a matriz e descrevendo suas características e como ela se encontrava naquele momento. Neste sentido, o relato é uma exposição escrita da rememoração de enunciações que se deram como parte de uma nova temporalização e que Guimarães (2018) traz como memorável.

Prosseguindo com as análises temos o alocutor-arquiteto que se apresenta produzindo sentido no funcionamento da linguagem, ele descreve os materiais que foram utilizados para construir a igreja Matriz, porém, o lugar que está constituindo sentido é o lugar de dizer do historiador que diz que a matriz nunca chegou a ser concluída, vejamos.

(2). As ruínas constituem um marco histórico da expansão colonial portuguesa, e as paredes em adobes têm extraordinária espessura e alicerces com embasamento de cantaria em pedra canga. A matriz nunca chegou a ser concluída, provavelmente, por ter sua construção iniciada no período da decadência de Vila Bela.

Desse modo, o alocutor-historiador traz a história da constituição deste espaço, e ele também menciona o dizer do alocutor-Marechal Rondon, mas este não constitui parte da cena enunciativa que está dizendo desse lugar. “Uma cena enunciativa se caracteriza por constituir modos específicos de acesso a palavra dadas às relações entre as figuras da enunciação e as formas linguísticas” (GUIMARÃES, 2017, p. 31).

O alocutor-historiador traz traços históricos que são simbólicos, e é esse o sentido que este recorte traz, de um lugar da história. A Catedral é conhecida simbolicamente como um ato de devoção referente à Santíssima Trindade, os nomes eram dados como forma de homenagear, todas as nomeações dessa tipologia acabam por padronizar as características do templo religioso, como vimos no decorrer desta pesquisa, a igreja tem seus traços simbólicos.

A seguir, vamos analisar os modos de relação e reescrituração, observar como se dão na relação com o texto.

3.2.2 Os modos de relação e reescrituração dos enunciados

O modo de relação do enunciado do texto (R.1), é uma relação de articulação por predicação. Vejamos a seguir as determinações semânticas de igreja matriz, que enquanto Igreja Matriz recebe diferentes caracterização por articulações particulares que de certa forma caracteriza a estrutura da igreja.

R 1. Ruínas da Igreja Matriz - **As ruínas constituem um marco histórico da expansão colonial portuguesa**, e as paredes em adobes têm extraordinária espessura e alicerces com embasamento de cantaria em pedra canga. **A matriz** nunca chegou a ser concluída, provavelmente, por ter sua construção iniciada no período da decadência de Vila Bela. Em 1905, durante a permanência da expedição do Marechal Rondon, no local, o local foi fotografado e há registro da Igreja Matriz ainda de pé. Rondon deixou a descrição: "**A Igreja Matriz da Santíssima Trindade** é um edifício muito alto ainda não concluído, faltando o frontispício e as duas torres, cuja construção fora apenas iniciada. O seu fundamento é de pedra canga, o pedestal e parte das paredes na altura deste são de cantaria da mesma pedra. Só a parte superior das paredes é de adobes (tijolos crus) sendo estes da largura de 1,50m" (Fonte do Iphan, 2014) (grifos nosso).

Assim temos as diferentes formas de caracterização dada a estrutura da construção desse templo religioso.

- a) Fundamento de pedra canga;
- b) Pedestal de cantaria;
- c) Paredes de cantaria;
- d) Paredes de adobe;
- e) Faltando frontispício;
- f) Faltando duas torres.

No acontecimento da enunciação, o funcionamento enunciativo do alocutor-Marechal Rondon em (1), reporta modos de relação por uma operação enunciativa de atribuição de sentido, ela retoma a *Igreja Matriz da Santíssima Trindade*, por *é um edifício muito alto, ainda não concluído*.

Por outro lado, *faltando o frontispício e faltando duas torres* está funcionando em oposição ao modo de reescrituração de *igreja Matriz da Santíssima Trindade*. Entretanto,

faltando frontispício e faltando duas torres determina edifício muito alto ainda não concluído. E está funcionando numa relação de sinonímia.

Assim, podemos ver essas determinações como reescrituras de um nome, ou seja, igreja *Matriz* foi reescrita numa relação de sinonímia por *desenvolvimento* que pode ser vista por expansão. Observemos:

(3). *A Igreja Matriz da Santíssima Trindade é um edifício muito alto ainda não concluído.*

No modo de relação por *desenvolvimento* é reescriturado por:

(4). *As ruínas constituem um marco histórico da expansão colonial portuguesa, e as paredes em adobes têm extraordinária espessura e alicerces com embasamento de cantaria em pedra canga. A matriz nunca chegou a ser concluída, provavelmente, por ter sua construção iniciada no período da decadência de Vila Bela.*

Todas as articulações por predicação são a caracterização da igreja dada pela descrição do alocutor-Marechal Rondon, ele passa a descrição geral da *igreja Matriz* como lugar registrado e fotografado por ele. A *igreja Matriz* é determinada por predicados que dizem a respeito das características de sua construção, sendo relatada como uma edificação ainda não concluída, situação que vai da expansão colonial portuguesa chegando ao período da decadência de Vila Bela e permanecendo inacabada.

O enunciador universal (jornalista), que está na perspectiva do historiador, se ocupa desse lugar para dizer das ruínas da igreja matriz, e se sustenta pelo lugar do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Na formulação do texto do jornalista consta um endereçamento ao Governo Federal do Brasil, e no plano da formulação de preservação está a posição do Iphan, cujo o seu papel é o de orientar e fiscalizar o Patrimônio cultural, material e imaterial, seu trabalho envolve a manifestação do ser humano para preservar os valores históricos da cidade, sendo assim, marca a posição da comunidade de saber do Brasil como último recurso para o tombamento de um patrimônio.

Logo temos a construção em ruínas sendo designada como um *marco histórico da expansão colonial portuguesa* e também representando simbolicamente a antiga capital da província de mato grosso. O marco histórico ressaltado neste recorte constitui o acontecimento da linguagem que foi importante na história da expansão colonial portuguesa, mostra claramente a decorrência do desenvolvimento econômico da colônia e dos interesses político-estratégicos da colonização. Esta temporalidade produziu consequências de sentidos

no decorrer da história da Província de Mato Grosso, uma província do Reino do Brasil, e posteriormente do Império do Brasil, e esse marco está relacionado a um período de decadência que o município de Vila Bela e toda região sofreram, esse acontecimento contribuiu para a interrupção da continuidade do crescimento do município e da construção da igreja, mas não foi por isso que ela deixou de se tornar uma obra simbólica registrada na memória dos cidadãos mato-grossenses.

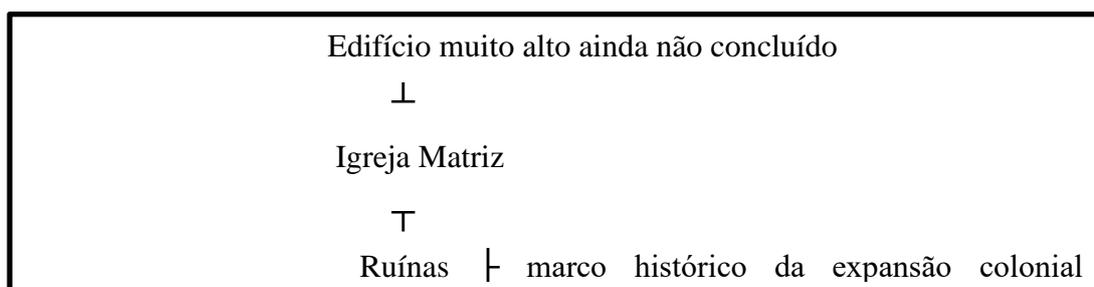
Ainda que não tenha sido concluída ela significa, porque o conceito de matriz já tem seu sentido pré-estabelecido do que é uma matriz. Quando pensamos na catedral do período colonial ela justifica a matriz. A construção de uma catedral nesse tempo significava o caráter do Estado Português, representava o rei dentro da sociedade e da política, o rei era o senhor das guerras e das terras. A igreja ser inicialmente construída antes do surgimento da vila, e nesta estrutura que não é simples, é grandiosa (templo), representa a lógica administrativa e social portuguesa, perceptível através da proximidade espacial entre pelourinhos, câmaras, igrejas e capelas.

Todos esses modos de referir, são modos de determina-la e predicá-la, e neste sentido é que constituiu a designação do nome em questão. “A designação é uma relação entre a linguagem e o mundo” (GUIMARÃES, 2018). Assim sendo, *edifício muito alto ainda não concluído* é a articulação por predicação, uma enunciação de complementação que acabam por designar de modo específico o templo religioso (Catedral, Matriz).

A seguir veremos a constituição dos DSDs do primeiro recorte.

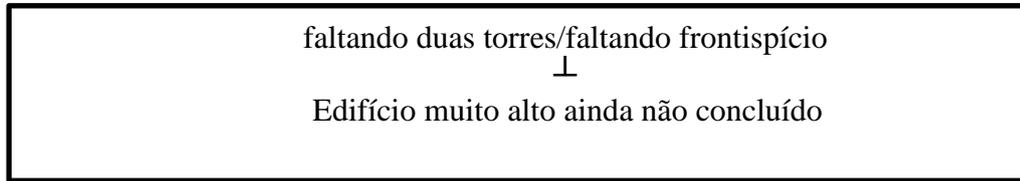
O Domínio Semântico de Determinação (DSD) considera as relações de atribuição de sentido que podemos encontrar entre as palavras de um texto. Conforme a relação de reescrituração das análises do recorte retirado do site do Iphan e como se deram as articulações, temos os seguintes o DSDs:

DSD-1



Edifício muito alto ainda não concluído, determina a igreja matriz, que é determinado por ruínas, e o marco histórico da expansão colonial portuguesa determina ruínas.

DSD-2



Faltando duas torres e faltando frontispício, determina edifício muito alto ainda não concluído.

3.2.2.1 A constituição de sentidos dos modos de reescrituração

A constituição dos sentidos pelos modos de reescrituração se deram no acontecimento da enunciação pelo funcionamento da língua num espaço de enunciação. Assim, a temporalidade do acontecimento agenciou o falante (jornalista) a dizer, numa divisão de lugares, e isto, se fez por um agenciamento político que dividiu esses lugares na cena enunciativa numa distribuição desigual por locutores. O espaço de relações de língua deu sentido ao texto que integram estes enunciados que significam por esta relação de integração de texto, e esta relação se configurou por esses dois modos de relação que são fundamentais: o de articulação e o de reescrituração.

O agenciamento do falante constituiu a cena enunciativa do enunciado do texto de R1 em uma categoria metodológica, os lugares sociais e suas relações se caracterizaram enunciativamente pelo real que se divide e redivide em uma cena enunciativa, agenciado em Locutor observamos a divisão por locutores que se apresentaram na cena enunciativa. Nesse sentido, a relação de línguas funcionou na sua relação com falantes na perspectiva de locutor-jornalista, locutor-historiador, locutor-Marechal Rondon e locutor-arquiteto, e são figuras enunciativas no funcionamento de língua agenciados a dizer em suas temporalidades específicas.

Desse modo, uma das características fundamentais da reescrituração é que ela não se caracterizou pelas relações segmentais, ou de contiguidade, própria dos modos de relação por articulação, e sim, pelo modo de relação pelo qual a enunciação rediz o que já foi dito.

3.3 A designação de ruína no site da prefeitura municipal de Vila Bela da Santíssima Trindade

O que deve ser preservado é tudo aquilo que constitui a identidade de um povo: sua história escrita, sua tradição oral, os registros que permitem reescrever sua história, sua paisagem, seus recursos naturais, suas manifestações artísticas e culturais. (Volpato, 1987, p. 24).

De acordo com a citação acima, a tradição oral, registros que permitem reescrever a história, sua paisagem, recursos naturais, manifestações artísticas e culturais, constitui a identidade de um povo, e como referência da identidade de um povo, trouxemos em destaque neste estudo o povo vilabelense, uma população que mantém sua tradição e cultura, e que atravessaram gerações se tornando atração turística da cidade.

O segundo recorte é extraído do site oficial da prefeitura municipal de Vila Bela da Santíssima Trindade. Selecionamos este recorte por apresentar dizeres da igreja matriz.

R 2. A principal **atração da área urbana** são justamente **as ruínas da catedral**, construída no período colonial. A constituição da cidade, com as **ruínas da Igreja Matriz** e o Palácio dos Capitães Gerais. As ruas ainda são retilíneas e formam uma quadrícula, como na época de fundação da cidade, 1752. Na quadra central foi implantada **a Matriz** e logo na quadra adjacente o Palácio dos Capitães Gerais. Essas edificações foram construídas com pedras, madeira e terra (adobe e taipa) e trazem o saber-fazer miscigenado das técnicas portuguesa, negra (a cidade foi povoada também pelos escravos trazidos pelos seus senhores) e, talvez, até indígena. São edificações registradas como patrimônio nacional e necessitam de cuidados. A cobertura construída para proteger as **ruínas da Matriz**, infelizmente, não cumpre seu papel: ela própria está em estado de degradação. Outra atração é o Museu Histórico e Arqueológico Joaquim Marcelo Profeta da Cruz, onde muitas informações interessantes sobre a cidade e a região podem ser encontradas. (Fonte: Site da Prefeitura Municipal de Villa Bella da Santíssima Trindade, 2015) (grifos nosso).

Como se constitui a cena enunciativa no acontecimento da enunciação? Como o enunciador se caracteriza? E o alocutor, como se apresenta? A seguir ocupemo-nos em descrever a constituição da cena enunciativa deste recorte.

3.3.1 A constituição da cena enunciativa do recorte 2

No acontecimento de enunciação de R.2, o Locutor diz do lugar da prefeitura, e se apresenta enquanto alocutor-jornalista que traz um enunciado histórico produzindo sentido na temporalidade do acontecimento na cena enunciativa do alocutor-historiador. Portanto, ele enuncia:

(5). A principal atração da área urbana são justamente as ruínas da catedral, construída no período colonial. A constituição da cidade, com as ruínas da Igreja Matriz e o Palácio dos Capitães Generais. As ruas ainda são retilíneas e formam uma quadrícula, como na época de fundação da cidade, 1752. Na quadra central foi implantada a Matriz e logo na quadra adjacente o Palácio dos Capitães Generais. Essas edificações foram construídas com pedras, madeira e terra (adobe e taipa) e trazem o saber-fazer miscigenado das técnicas portuguesa, negra (a cidade foi povoada também pelos escravos trazidos pelos seus senhores) e, talvez, até indígena.

O alocutor-jornalista numa relação de sobreposição do alocutor-historiador traz uma narrativa das ruínas da catedral construída no período colonial. Este acontecimento em que se fala, é o espaço de temporalização, “o passado no acontecimento é a rememoração de enunciações por ele recortada, fragmentos do passado por ele representados como seu passado” (GUIMARÃES, 2017, p.20).

Passado as condições sócio históricas, ela nos permite analisar e conceituar o que é uma atração turística, diante disso, o alocutor que se apresenta nesta cena enunciativa descrevendo o sentido de uma atração turística é o alocutor-turismólogo que diz do lugar de profissional, que conhece, analisa, e estuda o turismo em sua totalidade, por isso está dando foco para chamar a atenção e dizer para os turistas que as ruínas da catedral é um lugar bonito e está na situação de atração turística.

(6). A principal atração da área urbana são justamente as ruínas da catedral, construída no período colonial.

(7). Outra atração é o Museu Histórico e Arqueológico Joaquim Marcelo Profeta da Cruz, onde muitas informações interessantes sobre a cidade e a região podem ser encontradas.

Este alocutor que se apresenta faz uma descrição desse lugar para chamar a atenção de quem pode ir visitar as ruínas, nesse sentido, temos um lugar de dizer do alocutor-turismólogo. Podemos observar que não é o jornalista ou a história o mais importante aqui, o foco é exatamente o da atração, o de desenhar este lugar como atrativo, chamar a atenção ao outro para constituir este lugar que é importante ser reconhecido, e que também mantém uma história de constituição do período da colonização.

Vimos na constituição da cena enunciativa *as ruínas da catedral* sendo designada como *atração da área urbana* voltado para o valor histórico, artístico e cultural. A referência da ruína da catedral se constitui no acontecimento da enunciação, e são designadas como uma *edificação* que está *registrada como patrimônio nacional*. Essas edificações são designadas como *patrimônio nacional* por ser considerada uma construção que carrega a história trazida pelos escravos e pelos seus senhores caracterizam o *saber-miscigenado* que o enunciado do texto traz. O *saber miscigenado* se refere a cultura e as misturas de raças do Brasil, é nesse sentido que se torna parte de um conjunto de bens que representam a história do Brasil e das conquistas das terras mato-grossenses.

A cultura, a mistura de raças e o saber-miscigenado, como se dão nos modos de relação e reescrituração dos enunciados.

3.3.2 Os modos de relação e reescrituração dos enunciados

Os modos de articulação se apresentam em virtude das características, e é decisiva para o processo de descrição e análise do recorte.

R 2. A principal **atração da área urbana** são justamente **as ruínas da catedral**, construída no período colonial. A constituição da cidade, com as **ruínas da Igreja Matriz** e o Palácio dos Capitães Gerais. As ruas ainda são retilíneas e formam uma quadrícula, como na época de fundação da cidade, 1752. Na quadra central foi implantada **a Matriz** e logo na quadra adjacente o Palácio dos Capitães Gerais. Essas edificações foram construídas com pedras, madeira e terra (adobe e taipa) e trazem o saber-fazer miscigenado das técnicas portuguesa, negra (a cidade foi povoada também pelos escravos trazidos pelos seus senhores) e, talvez, até indígena. São edificações registradas como patrimônio nacional e necessitam de cuidados. A cobertura construída para proteger as **ruínas da Matriz**, infelizmente, não cumpre seu papel: ela própria está em estado de degradação. Outra atração é o Museu Histórico e Arqueológico Joaquim Marcelo Profeta da Cruz, onde muitas informações interessantes sobre a cidade e a região podem ser encontradas. (Fonte: Site da Prefeitura Municipal de Villa Bella da Santíssima Trindade, 2015) (grifos nosso).

Se atentando para o funcionamento enunciativo do recorte, os modos de relação colocam em funcionamento uma operação enunciativa fundamental da constituição do sentido dos enunciados. Na cena enunciativa do alocutor-arqueológico, *a constituição da cidade com as ruínas da Igreja Matriz e o Palácio dos Capitães Gerais* é designada por edificações.

Vejamos.

(8). *Essas edificações foram construídas com pedras, madeira e terra (adobe e taipa) e trazem o saber-fazer miscigenado das técnicas portuguesa, negra (a cidade foi povoada*

também pelos escravos trazidos pelos seus senhores) e, talvez, até indígena. São edificações registradas como patrimônio nacional e necessitam de cuidados. A cobertura construída para proteger as ruínas da Matriz, infelizmente, não cumpre seu papel: ela própria está em estado de degradação.

Por outro lado, na constituição da cena enunciativa do alocutor-turismólogo as ruínas da catedral é reescriturada por atração da área urbana.

(9). A principal atração da área urbana são justamente as ruínas da catedral, construída no período colonial. A constituição da cidade, com as ruínas da Igreja Matriz e o Palácio dos Capitães Gerais. As ruas ainda são retilíneas e formam uma quadrícula, como na época de fundação da cidade, 1752. Na quadra central foi implantada a Matriz e logo na quadra adjacente o Palácio dos Capitães Gerais

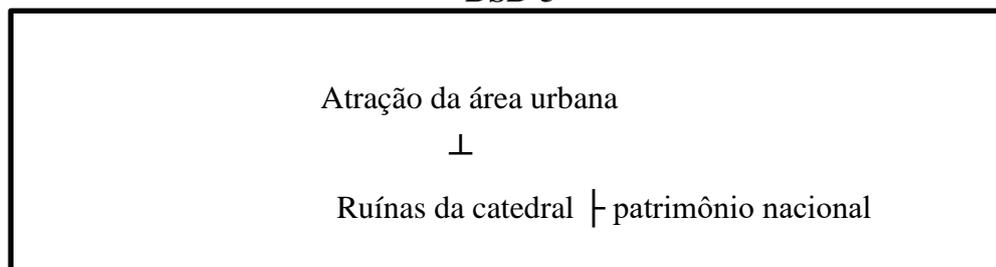
Podemos observar que a construção da igreja em ruínas aparece ressignificando na cena enunciativa destacado em (9). Assim temos ruínas da catedral, ruínas da igreja matriz e a matriz. Vale ressaltar que matriz antes de tudo ela já significa, tem seu sentido pré-estabelecido. Isto leva a considerar a Matriz como sinônimo/hipônimo de termo científico.

Dando continuidade, através do agenciamento enunciativo do alocutor-arqueológico, a ruína da Matriz é designada por patrimônio nacional. Observe:

(10). São edificações registradas como patrimônio nacional e necessitam de cuidados. A cobertura construída para proteger as ruínas da Matriz, infelizmente, não cumpre seu papel: ela própria está em estado de degradação.

A ruína da matriz foi designada como patrimônio nacional pelo dizer de quem entende a ciência que estuda períodos históricos e pré-históricos especialmente voltado para os monumentos, fósseis ou de quaisquer resquícios que remontem civilizações antigas. Assim temos a constituição do seguinte DSD:

DSD-3



Edificações determina atração da área urbana que determina ruínas da catedral que é determinada por patrimônio nacional.

3.3.4 A constituição de sentidos dos modos de reescrituração

Na constituição da cena enunciativa, vimos que os elementos que a constituem estão funcionando a partir do agenciamento enunciativo de um Locutor dividido por lugares de dizer. E assim observamos o Locutor agenciado pelo lugar de dizer da prefeitura caracterizado como enunciador universal, e a partir dessa posição se apresentou na cena enunciativa enquanto alocutor-jornalista.

Localizamos também enunciador individual que se caracterizou a partir do seu dizer, do lugar de quem conhece, analisa, e estuda o turismo, e a partir desta posição se apresentou como alocutor-turismólogo, aquele que fez toda a descrição das ruínas da matriz com o intuito de chamar a atenção dos turistas de um lugar de apreciação por fazer parte de uma construção do período histórico da colonização.

Ao apreciarmos a construção histórica, nosso olhar vai muito além da existência de uma organização institucional que oficializa tombamento da construção histórica de uma igreja em ruínas, o que se pode extrair das *ruínas* através do olhar é muito mais do que aquilo que os olhos veem, é muito mais que desenhar o lugar de ruínas da catedral como atrativo, a construção mantém a história da constituição da cidade e do período Brasil Colônia e Brasil Império.

O recorte colocou no próprio procedimento de análise o exterior constitutivo do elemento linguístico. Do ponto de vista de nossa análise enunciativa, podemos dizer que o recorte foi um fragmento do acontecimento da enunciação *da época de fundação da cidade, 1752*.

3.4 A designação de ruína no Portal Mato Grosso

A ruína tem sido um dos traços com maior poder de evocação do passado, imbuída na origem da apreciação da transitoriedade dos poderes terrenos e da debilidade das conquistas humanas. (PESSOA, João, 2003).

As ruínas recordam o passado e o que está armazenado na memória de uma narrativa enunciativa a partir do que lemos, ouvimos e vimos, a prática da leitura faz com que recordamos e apreciamos todo o decorrido dos fatos anteriores relacionados a conquista das terras mato-grossenses, aonde a mistura de raças nos privilegiou com a construção de uma identidade histórica que deixou como registro; a cultura, religião e tradição que se perdura até os dias de hoje.

A imagem da construção da igreja em ruínas faz parte de uma história da Era dos Descobrimentos europeia que começou com explorações entre as mais avançadas potências marítimas do século XV, Portugal e Espanha marcaram a trajetória dessa ocasião, e são memórias que fixam no tempo e na identidade do ser humano. A *ruína* é uma imagem que designa o símbolo do marco inicial dessa Era dos Descobrimentos.



Figura 2 A estrutura da igreja Matriz com cobertura (2006)

Esta é a imagem das ruínas de Vila Bela, e está coberta com proteção para dar sustentabilidade a sua preservação como patrimônio histórico e cultural mato-grossense. “O que se extrai do olhar é mais do que aquilo que os olhos veem” (DIAS, 2018). Os restos da construção da primeira Igreja Matriz de Vila Bela da Santíssima Trindade, por muito tempo

esteve sem cobertura, mas, resistiu ao tempo e aos desgastes sofridos pela força da natureza que aos poucos contribuíam para o desabamento da estrutura da construção. Vale destacar que a estrutura era um pouco maior, mas devido a esses ocorridos foi perdendo partes dela.

Nesse interim, temos: O Portal do Mato Grosso, que é um *site* destinado a conteúdos sobre a história, a política e a cultura do estado de Mato Grosso. E este espaço na web foi criado em 2008 pelo historiador e escritor João Carlos Vicente Ferreira, o objetivo é o de trazer para a população notícias de todos os municípios desse estado. “O site foi inspirado originalmente nos livros “Mato Grosso e seus Municípios” e “Enciclopédia ilustrada de Mato Grosso”, do historiador, escritor e membro da Academia Mato-grossense de Letras (AML), João Carlos Vicente Ferreira, espaços denominados “Matopédia” e “Matoteca” (site: Portal Mato Grosso, 2008).

Assim temos o terceiro recorte.

R 3. Vila Bela da Santíssima Trindade abriga um dos maiores acervos da cultura mato-grossense, com áreas tombadas pelo Iphan e pelo Governo Estadual. O Governo de Mato Grosso patrocina o projeto Fronteira Ocidental, que desenvolve ações voltadas para a recuperação do patrimônio histórico, bem como, a pesquisa arqueológica. O fato de a cidade ter sido a primeira capital de Mato Grosso lhe confere tais características que precisam ser preservadas. O **marco inicial** desse município se deu às margens do Rio Guaporé com a Serra Ricardo Franco ao fundo, configurando-se uma paisagem espetacular. E é justamente nessa área onde nasceu a cidade que estão as mais **antigas edificações** da região, e também onde está localizado o Complexo Arqueológico Santo Antônio dos Militares. O projeto Fronteira Ocidental, tem a coordenação do arqueólogo Paulo Zanettini, e, além do patrocínio do Governo de Mato Grosso e apoio técnico do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN. Um dos **sítios arqueológicos** mais significativos de Vila Bela são as **ruínas da antiga catedral** da cidade, uma obra iniciada em 1793. Até o momento já foram descobertos, em seu entorno, muitos objetos que retratam a vida do século 18, como cravos, vidros, lajotas, cerâmicas, moedas e castiçais. “Vamos fazer uma escavação paulatina, justamente para que mais crianças e jovens possam participar”, diz Zanetini. “Será um processo de conscientização dos jovens”. Segundo o arqueólogo, especialistas de diversas áreas científicas serão convidados para participar do processo de **preservação das ruínas**, pois a coberturas as protege da chuva, mas não da ação do vento e do homem, disse, referindo-se à cobertura metálica **das ruínas** feita em 2006.

(Fonte: Portal Mato Grosso, 2008) (grifos nosso).

Analisaremos a seguir a constituição da cena enunciativa.

3.4.1 A constituição da cena enunciativa do recorte 3

Temos na constituição da cena enunciativa um enunciador que diz numa relação de sobreposição do dizer do historiador, e se caracteriza como enunciador-universal que diz do lugar de jornalista, que é a pessoa responsável pela apuração, investigação e apresentação de notícias, reportagens, entrevistas ou distribuição de notícias. Se apresenta também como alocutor-historiador.

É interessante observar a politopia presente na constituição da cena enunciativa.

*(11). Vila Bela da Santíssima Trindade abriga um dos maiores acervos da cultura mato-grossense, com áreas tombadas pelo Iphan e pelo Governo Estadual. **O Governo de Mato Grosso patrocina o projeto Fronteira Ocidental**, que desenvolve ações voltadas para a recuperação do patrimônio histórico, bem como, a pesquisa arqueológica.*

*(12). **O projeto Fronteira Ocidental, tem a coordenação do arqueólogo Paulo Zanettini**, e, além do patrocínio do Governo de Mato Grosso e apoio técnico do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN.*

(13). Segundo o arqueólogo, especialistas de diversas áreas científicas serão convidados para participar do processo de preservação das ruínas, pois a cobertura as protege da chuva, mas não da ação do vento e do homem, disse, referindo-se à cobertura metálica das ruínas feita em 2006.

Podemos observar nesses enunciados a presença do alocutor-Governo aparecendo mais de uma vez na constituição da cena enunciativa do alocutor-jornalista. O enunciado do texto diz que Governo de Mato Grosso patrocina o projeto Fronteira Ocidental que desenvolve ações voltadas para a recuperação do patrimônio histórico, bem como, a pesquisa arqueológica. Nesse sentido, temos em funcionamento um alocutor que se apresenta como o alocutor-governo que está dizendo desse lugar, da importância que o governo tem para o Estado, ou seja, temos um alocutor-Estado que está se posicionando dizendo o que é essencial para a preservação do patrimônio, e o Iphan e o Governo do Estado estão funcionando como um lugar de destaque para promover ações voltadas para a recuperação do patrimônio histórico.

As ações voltadas para a recuperação do patrimônio histórico e cultural estão relacionadas ao projeto Fronteira Ocidental que desenvolve ações voltadas para a recuperação dos acervos da cultura mato-grossense, e têm a coordenação de um arqueológico além do

patrocínio do Governo e apoio técnico do Iphan, esse projeto alcança especialistas de diversas áreas científicas, a fim de participar do processo de preservação das ruínas.

Por conseguinte, temos o enunciador que se caracteriza como individual, quando diz:

(14). Vamos fazer uma escavação paulatina, justamente para que mais crianças e jovens possam participar”, “Será um processo de conscientização dos jovens.

Este alocutor se apresenta como alocutor-arqueológico. É através do decorrido de enunciações anteriores do enunciado do texto que permite que o Locutor se apresente desse lugar de pesquisador arqueológico, no entanto, ele se apresenta como alocutor-arqueológico pelo discurso direto do alocutor-Governo.

Por outro lado, quando o alocutor-historiador diz que *tais características precisam ser preservadas* ele enuncia do lugar de historiador que diz respeito à história, essa afirmativa nos possibilita ver um passado de enunciações que determinaram esse acontecimento que só foi possível devido ao processo de constituição deste espaço urbano. Vejamos:

(15). O fato de a cidade ter sido a primeira capital de Mato Grosso lhe confere tais características que precisam ser preservadas. O marco inicial desse município se deu às margens do Rio Guaporé com a Serra Ricardo Franco ao fundo, configurando-se uma paisagem espetacular. E é justamente nessa área onde nasceu a cidade que estão as mais antigas edificações da região, e também onde está localizado o Complexo Arqueológico Santo Antônio dos Militares.

É no espaço de enunciação, e pelo funcionamento da linguagem que vai se constituindo o sentido de ruínas, e o seu significado está voltado para a preservação da construção, é um marco inicial que ainda possui características desse período, e a cidade é aonde estão as mais antigas edificações da região, uma delas é um dos sítios arqueológicos mais significativos que são *as ruínas da antiga catedral*.

A seguir veremos como os modos de relação atribuem sentido e determinam as ruínas da antiga catedral.

3.4.2 Os modos de relação e reescrituração dos enunciados

Do ponto de vista histórico o sentido de ruínas está no seu significado próprio, mas, do ponto de vista enunciativo está nos modos de relação com o texto e na sua condição sócio-histórica instalada na temporalidade do acontecimento. Ao analisar o modo de relação pelo qual a enunciação rediz o que já foi dito, este modo de relação nos leva a interpretar uma forma diferente de si, pois, o elemento do texto que reescritura atribui sentido, e isto é a característica fundamental de uma reescrituração.

A partir do recorte observaremos os modos de relação e reescrituração que nos levará ao resultado do Domínio Semântico de Determinação.

R 3. Vila Bela da Santíssima Trindade abriga um dos maiores acervos da cultura mato-grossense, com áreas tombadas pelo Iphan e pelo Governo Estadual. O Governo de Mato Grosso patrocina o projeto Fronteira Ocidental, que desenvolve ações voltadas para a recuperação do patrimônio histórico, bem como, a pesquisa arqueológica. O fato de a cidade ter sido a primeira capital de Mato Grosso lhe confere tais características que precisam ser preservadas. O **marco inicial** desse município se deu às margens do Rio Guaporé com a Serra Ricardo Franco ao fundo, configurando-se uma paisagem espetacular. E é justamente nessa área onde nasceu a cidade que estão as mais **antigas edificações** da região, e também onde está localizado o Complexo Arqueológico Santo Antônio dos Militares. O projeto Fronteira Ocidental, tem a coordenação do arqueólogo Paulo Zanettini, e, além do patrocínio do Governo de Mato Grosso e apoio técnico do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN. Um dos **sítios arqueológicos** mais significativos de Vila Bela são as **ruínas da antiga catedral** da cidade, uma obra iniciada em 1793. Até o momento já foram descobertos, em seu entorno, muitos objetos que retratam a vida do século 18, como cravos, vidros, lajotas, cerâmicas, moedas e castiçais. “Vamos fazer uma escavação paulatina, justamente para que mais crianças e jovens possam participar”, diz Zanetini. “Será um processo de conscientização dos jovens”. Segundo o arqueólogo, especialistas de diversas áreas científicas serão convidados para participar do processo de **preservação das ruínas**, pois a coberturas as protege da chuva, mas não da ação do vento e do homem, disse, referindo-se à cobertura metálica **das ruínas** feita em 2006.

(Fonte: Portal Mato Grosso, 2008) (grifos nosso).

Vejamos que numa relação de *desenvolvimento muitos objetos* é reescriturado por *como cravos, vidros, lajotas, cerâmicas, moedas e castiçais*. A enumeração é reescritura por expansão pelos muitos objetos. Elas designam o que se considera no texto acervos da cultura mato-grossense. Por outro lado, *sítios arqueológicos* é uma das antigas edificações da região e é justamente neste sítio que surgiu a primeira capital e capitania de mato grosso, o marco inicial que se deu no século XVIII, e, em entorno foram encontrados objetos do período

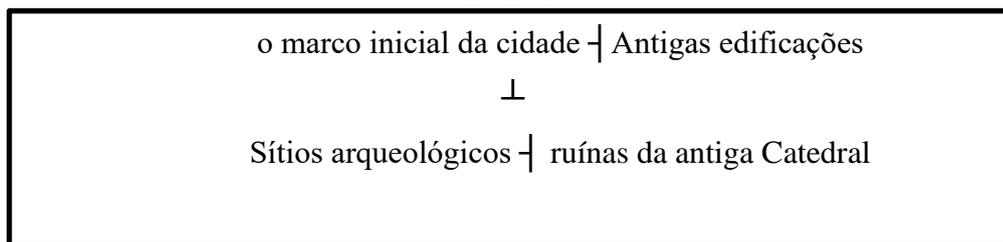
colonial. Dessa forma, *o marco inicial* determina as *antigas edificações* dessa região, e os *sítios arqueológicos* determinam as *ruínas da antiga catedral*.

(16). *Um dos sítios arqueológicos mais significativos de Vila Bela são as ruínas da antiga catedral da cidade, uma obra iniciada em 1793. Até o momento já foram descobertos, em seu entorno, muitos objetos que retratam a vida do século 18, como cravos, vidros, lajotas, cerâmicas, moedas e castiçais.*

Como podemos ver neste enunciado mostra claramente o que foi dito no decorrer desta pesquisa, Vila Bela é um dos lugares que possuem muitos objetos que retratam a vida do século XVIII, e é uma cidade que mantém a tradição popular da constituição histórica de um povo, da comunicação oral de fatos, lendas, ritos, usos, costumes etc., que se tornou herança cultural, o legado de crenças de uma geração.

Por conseguinte, consideramos o seguinte DSD.

DSD-4



O marco inicial da cidade determina antigas edificações que determina ruínas da antiga Catedral e é determinada por Sítios arqueológicos.

3.4.4 A constituição de sentidos dos modos de reescrituração

As relações de articulação e reescrituração funcionaram na organização dos enunciados a partir da cena enunciativa, considerando essas relações que se dá no acontecimento da enunciação como vimos anteriormente, o falante foi constituído pelas relações históricas entre línguas, entre línguas e falantes e entre falantes e falantes. No entanto, o falante se dividiu numa relação de alocação em lugares de dizer e lugar social de dizer e seus correlatos.

Esta divisão resultou das condições do espaço de enunciação, de um lado as línguas, de outro os falantes e suas relações com suas condições históricas de existência. Na constituição da cena enunciativa do recorte destacamos o alocutor-Governo, o alocutor-historiador, o alocutor-jornalista e o alocutor-arqueológico caracterizados como enunciadores. Assim, tivemos na cena enunciativa lugares de dizer cuja relação foi ao modo como se diz o que se diz, e nesta medida construiu uma relação com o que foi dito. E, de outra parte vimos como o enunciador se caracterizou segundo a relação com o que foi dito caracterizados como enunciador universal e individual.

Dessa maneira, o fundamental foi retomar o contexto sócio-histórico do período colonial nas mídias mato-grossenses e observar as atribuições de sentido que se deram a partir da temporalidade do acontecimento na cena enunciativa, que por fim, determinaram o sentido de *ruínas da igreja matriz de Vila Bela da Santíssima Trindade*, a partir da reescrituração e os modos de relação na categoria metodológica da teoria da Semântica do Acontecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As ruínas são como uma recordação, aquilo que está guardado na memória, e que recorda uma experiência já vivida, expressa a situação do período da colonização no mato grosso, e que no presente o que nos oferece é felicitar uma pessoa com essas lembranças, a pessoa como um cidadão brasileiro, ou como, um cidadão mato-grossense, ou cidadão vilabelense. Significa também, o passado que é uma parte do tempo que ficou para trás, refere-se a todo e qualquer acontecimento em período de tempo anterior ao presente, sendo visto como objeto da história que identifica e classifica os eventos verificados nesta pesquisa.

A Semântica do Acontecimento nos permitiu olhar para esse acontecimento pelo viés do materialismo histórico como ancoragem da enunciação, para Guimarães (2018) o estudo da significação se constitui no funcionamento da linguagem, na sua relação com a historicidade. A historicidade é a realidade histórica de pessoas e eventos, significando a qualidade de fazer parte da história em oposição a ser um mito, lenda ou ficção. Se concentra no verdadeiro valor das afirmações de conhecimento sobre o passado.

A historicidade do município de Vila Bela, não é um mito, lenda ou ficção. Nesta pesquisa, a realidade histórica da constituição de pessoas está ligada ao processo de colonização e da identidade histórica de um povo mestiço que resulta da mistura de raças.

O Brasil é um país com uma miscigenação populacional muito expressiva, é devido à miscigenação no país que é possível dizer que possui uma identidade cultural muito variada. Existe uma multiplicidade de costumes, crenças e até mesmo fisionomias. O perfil da população brasileira foi configurado a partir dos vários momentos históricos pelos quais passaram por mais de 500 anos de colonização. Esse processo teve origem com a chegada dos europeus, como pudemos ver no decorrer desta pesquisa, e os primeiros contatos que tiveram, foram com indígenas que já habitavam as terras.

Vimos que esses três sujeitos na história da colonização foram primordiais para a constituição da miscigenação do povo brasileiro, processo este que ficou ainda mais complexo com as *levas de imigrantes* que vieram para o país neste período histórico. No contexto histórico formaram os chamados caboclos, também conhecidos como “Mamelucos”, os mulatos e os cafuzos. A partir dessas três categorias foram surgindo as etnias dando origem ao povo miscigenado.

Nesse interim, pode-se dizer que a cultura faz parte do processo de construção de um patrimônio histórico. Os bens culturais imateriais, por exemplo, estão relacionados aos saberes, às habilidades, às crenças, às práticas e ao modo de ser das pessoas. E é nessa linha de sentido que a construção da igreja matriz em ruínas tem relação a esses bens, a um patrimônio histórico, pois, está relacionada como dito acima, aos saberes e às habilidades dos negros.

Observa-se que na constituição histórica a língua se faz presente a partir da linguagem, e é na linguagem que pudemos observar o funcionamento enunciativo dos enunciados presente dos textos que relatam a narrativa histórica do período colonial, mais especificamente, região oeste aonde se originou o município de Vila Bela da Santíssima Trindade. Na trilha teórica percorrido para a constituição dos sentidos de uma palavra, vimos que ela se dá a partir de sua história de enunciação. Os sentidos são constitutivos do acontecimento enunciativo em que aparece a palavra *ruína*. Portanto, nossas observações quanto a constituição dos sentidos no funcionamento da linguagem, *ruínas* se deu a partir do acontecimento de dizer do lugar da mídia digital de notícias nos portais dos sites matogrossenses, levando em consideração a temporalidade própria desse acontecimento enunciativo.

A partir da divisão do alocutor na cena enunciativa as análises nos levaram a uma direção que moveu os sentidos da palavra em seu funcionamento enunciativo enquanto unidade de análise. Esse movimento semântico-enunciativo constituiu-se na relação integrativa textual. No entanto, *ruínas* significa pela relação integrativa textual que no seu funcionamento enunciativo apresentou na articulação o processo de reescrituração, e esse procedimento retomou sentidos pré estabilizados e com isso pudemos observar o deslocamento semântico de sentido através da politopia da cena enunciativa.

A divisão de lugares mostrou na cena enunciativa, através da enunciação por alocutores em situação real de comunicação as determinações semânticas de igreja matriz que apareceram com diferentes caracterizações; por articulação e modos de reescrituração que designaram *a igreja matriz* por *ruínas da igreja matriz*. Observamos que as reescriturações atribuíram sentidos de forma específica aos diversos modos de redizer a matriz. A relação de sentido aos modos distintos no funcionamento da linguagem constituiu sentidos para os restos do alicerce que sobrou da construção da igreja Matriz.

Tomando as unidades de análises como integração dos enunciados no texto, pudemos observar que as designações para os restos de alicerce em pedra canga constituíram ao longo de uma história enunciativa dizeres sobre a primeira capital e capitania de Mato Grosso,

vimos em momentos distintos no acontecimento enunciativo a construção da igreja matriz funcionando sob diferentes modos de redizer: *as ruínas da Igreja matriz, as ruínas, a igreja matriz da santíssima trindade, as ruínas da catedral, as ruínas da matriz e as ruínas da antiga catedral.*

Com base em tudo o que foi apresentado neste trabalho, as escolhas dos recortes foram selecionadas por constituírem dizeres sobre as ruínas da construção da igreja matriz de Vila Bela da Santíssima, e assim pudemos descrever o funcionamento da linguagem através dela, por seus locutores agenciados em alocutores, no entanto, o acontecimento de enunciação específico que apresentaram relevância para se refletir sobre o funcionamento da linguagem com relação as ruínas da igreja matriz de Vila Bela, especificou o modo como produziu sentido o enunciado.

Desse modo, frases e palavras não possuem sentido fixo, o conceito teórico definido por Guimarães nos mostra que as palavras podem sofrer deslocamentos semânticos de sentidos através do funcionamento da linguagem por pessoas donas do seu dizer e que falam em diferentes lugares de enunciação. Nesse sentido, foi preciso encontrar acontecimentos de enunciações específicos, para assim dizer sobre *as ruínas de Vila Bela da Santíssima Trindade* e para observarmos como as reescrituras atribuíram sentido.

Ao analisar os dizeres sobre as ruínas da igreja matriz, vimos que as atribuições de sentido se deram da seguinte forma: Em R.1, *Edifício muito alto ainda não concluído* determina *igreja Matriz*, que é determinado por *ruínas*, e o *marco histórico da expansão colonial portuguesa* determina *ruínas*, por conseguinte, em R.2, *edificações* determina *atração da área urbana*, que determina *ruínas da catedral*, e é determinado por *patrimônio nacional* e na constituição do DSD do recorte 3 *as ruínas da antiga catedral* é reescriturizada por *sítios arqueológicos*.

Em suma, retomo aqui a pergunta indagada no início deste trabalho. O que as ruínas significam para os vilabelenses e para os brasileiros? Afinal, é daqui que surgiu o ponto de partida para o desenvolvimento dessa pesquisa.

Portanto, a construção da igreja Matriz que atualmente está em estado de ruínas significa um dos bens de uso público recreativo que atrai turistas de todos os lugares do Brasil. Ela é o marco oficial da expansão colonial portuguesa nas terras mato-grossense (oeste). Foi tombada pelo Estado como patrimônio histórico cultural e é um bem que possui importância e destaque na história da constituição da identidade histórica do povo vilabelense, a construção da matriz em ruínas representa este povo que se destacou através da sua cultura e tradição.

E, Através do que sobrou da construção apenas iniciada da matriz histórica, temos a oportunidade de conhecer, reviver e rememorar a história por trás desta construção e tudo que a envolve, como a arte, as tradições, os saberes, e a cultura dos vilabelenses. Assim, *as ruínas de vila bela da santíssima Trindade* é um patrimônio histórico que reúne o conjunto de manifestações políticas, religiosas e culturais que foram se constituindo ao longo do tempo e que carrega aspectos simbólicos, ruínas não significa apenas um patrimônio histórico e cultural, mas também significa a construção da identidade histórica de um povo ancestral.

Diante de tudo o que foi discutido e analisado neste trabalho nossa reflexão nos leva a ver que a Semântica do Acontecimento praticada no Brasil, por Guimarães (2005, 2018) e estudiosos dessa linha teórica, se mostra como uma teoria que ocupa do estudo da significação como algo que está no funcionamento da língua, na enunciação como acontecimento.

Assim, observamos que o sujeito na história é uma questão linguística e enunciativa, que é agenciado politicamente pelo espaço de enunciação, de tal modo que se apresenta em lugares enunciativos ou posição do falante que ao enunciar torna-se Locutor, alocutor e enunciador, ou figuras da cena enunciativa. Isso nos mostrou que o falante não é pensado como uma figura uma, homogênea e com intenções, mas sim, como uma disparidade do sujeito.

REFERÊNCIAS

- BANDEIRA, Maria de Lourdes. Território negro em espaço branco. São Paulo: Saraiva, 2010.
- BORGES, Francisco Caetano. Anais de Vila Bela da Santíssima Trindade. Instituto Histórico e Geográfico do Estado de Mato Grosso. Cuiabá, 2001.
- DELSON, Roberta Marx. Novas vilas para o Brasil-Colônia: planejamento espacial e social no Século XVIII/Roberta Marx Delson; [tradução e revisão, Fernando de Vasconcelos Pinto; composição gráfica, Frank Svensson; capa Adriana Tavares de Lyra, Miriam Vargas]. - Brasília: Ed. ALVA-CIORD, 1997, C1979.
- DIAS, Luiz Francisco. Enunciações e relações linguísticas. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018.
- DUCROT, Oswald. (1970). Estruturalismo e Linguística. Tradução de José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix.
- BRANDI, Cesare. Teoria da restauração. Tradução Beatriz Mugayar Kuhl. Cotia: Ateliê, 2004.
- BOITO, Camillo. Os restauradores. Tradução: Paulo Mugayar Kuhl – Cotia- SP: Ateliê Editorial, 2014.
- CALVO, Ana. Conservación y restauración: materiales, técnicas y procedimientos de la A a Z. Barcelona: Serbal, 1997.
- CIRLOT, Juan-Eduardo. Dicionário de símbolos. São Paulo: Unesp, 2001.
- FICACCI, Luigi. Giovanni Piranesi. Koln: Taschen, 2011.
- FUNARI, P.P (2005). Fontes arqueológicas: os historiadores e a cultura material. In Carla Pinsky & Carla Bassanezi (orgs.). Fontes Históricas (p. 81-110). São Paulo: Contexto.
- GARCEZ, Lucília H. do C. A escrita e o outro: os modos de participação na construção do texto. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1998.
- GUIMARÃES, Eduardo. Os limites do sentido: um estudo histórico e enunciativo da linguagem. Campinas, SP: Pontes, 2005.
- Guimarães, E. (1987) Texto e Argumentação. Campinas, Pontes, 2007.
- _____. (1995) Os limites dos sentidos: um estudo histórico e enunciativo da linguagem. Campinas. Pontes, 2010.
- _____. (2011) Análise de Texto: procedimentos, análises, ensino. São Paulo, Hucitec, 2012.

_____. Terra de Vera Cruz, Brasil In: *Atlas dos Nomes que Dizem Histórias das cidades Brasileiras: Um Estudo Semântico-Enunciativo do Mato Grosso – (Fase I)*. São Paulo: Pontes, 2016.

_____. *Semântica do Acontecimento: um estudo enunciativo da designação*. Campinas: Pontes, 2017 – 4ª Edição.

_____. *Semântica Enunciação e Sentido*. Campinas, SP: Pontes, 2018.

GHIRARDELLO, Nilson, SPISSO, Beatriz. *Patrimônio histórico: como e porque preservar*. Colaboradores: Gerson Geraldo Mendes Faria [et al]. – Bauru, SP: Canal6, 3ª edição, 2008.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Lecciones sobre la filosofia de la historia universal*. Madri: Alianza, 2004.

HOBBSAWM, Eric. Terence (Eds.), *A invenção das Tradições*. Editora Paz e Terra S.A., Rio de Janeiro, (1983) 1997.

_____. *Sobre história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

HOCKE, Gustav René. *Maneirismo: o mundo como labirinto*. São Paulo: Perspectiva, 1986.

IBAÑEZ, Ignacio González-Varas. *V. Conservación de bienes culturales: Teoria, história, princípios e normas*. Madrid: Cátedra, 2006.

KÜHL, Beatriz Mugayar. *Os restauradores e o pensamento de Camillo Boito sobre a restauração*. In: BOITO, Camillo. *Os restauradores*. Tradução de Paulo Mugayar Kühl e Beatriz Mugayar Kühl. Cotia: Ateliê, 2002, p. 9-28.

PÓVOAS, Lenine C., 1921 – *História geral de Mato Grosso: dos primórdios à queda do Império*, Vol, 1. P. 56 e 57 Cuiabá, 1995.

RIEGL, Alois. *O culto moderno dos monumentos*. Editora: Perspectiva. São Paulo, 2019.

RODRIGUES, Angela Rosch. *A problemática da ruína: das teorias da preservação patrimonial do século XIX ao restauro Crítico*. Ver. CPC, São Paulo, n. 24, p.9-34, ago./dez. 2017.

SENRA, Mara Rúbia Jorge; ROSA, Cleyton Luiz da Silva. *Ruínas e o espaço urbano: análise de bens tombados entre 1938 e 1965*. Alta Paulista. ISBN – 978-65-86753-02-8.

SILVA, Andréa Cristina de Oliveira. *A designação da capital e capitania de mato grosso: Vila Bela da Santíssima Trindade – Um espaço construído no Acontecimento da Nomeação*. Monografia de conclusão de curso. Cáceres: UNEMAT, 2018.

SILVA, Giseli Veronez. *O processo de designação da expressão “Patrimônio” em documentos constitucionais*. Dissertação de Mestrado. PPGL/UNEMAT. Cáceres-MT, 2016.

SILVA, Giseli Veronez et al. *O dizer da igreja católica nas nomeações de municípios/cidades de mato grosso: Relações de convivência entre igreja e Estado - MT*. In: *Atlas dos Nomes que Dizem Histórias das cidades Brasileiras: Um Estudo Semântico-Enunciativo do Mato Grosso – (fase II)*. São Paulo: Pontes, 2018.

SILVA, João Batista Teófilo. Cidade: espaço de escrita, espaço de leitura. A construção social dos monumentos. São Paulo. Revista Historiar, Vol. 05, N. 08, Ano 2013. P. 67-70.

SORIAU, Etienne. Dicionário de estética. Madrid: Akal, 1998.

TAUNAY, Alfredo D'Escragnolle. A cidade do ouro e das ruínas. Cuiabá: Instituto Histórico e Geográfico do Estado de Mato Grosso, 2001. P. 120.

VOLLET-LE-DUC, Eugène Emmanuel. Restauração. Tradução de Beatriz Mugayar Kuhl. Cotia: Ateliê, 2000.

VOLPATO, Luiza. A preservação do patrimônio histórico e a construção da memória social. Monções. Listel S/A, Cuiabá. Volume I. P. 20-24. 1987.

SÁ, José Barbosa de. Relaçam das povoações do Cuyabá e Matto Grosso de seos principios thé os presentes tempos. Cuiabá: Editora da Universidade Federal do Mato Grosso, 1975.

SAA, Joseph Barbosa de. Dialogos Geograficos Chronologicos, Políticos e naturais, escritos por Joseph Barbosa de Saa Nesta Vila Reyal do Senhor Bom Jesus do Cuyaba – ano de 1769 oferécidos. 436 fólhos.

SOUZA, Rainer Gonçalves. Os negros no Brasil Colonial. 2016. Disponível em: [Os negros no Brasil Colonial. Os negros na História do Brasil \(uol.com.br\)](#)

JUNIOR, Mário Anacleto de Souza. O conceito de ruína e o dilema da conservação em arte contemporânea. Revista ARA Nº 2 – Outono+Inverno, 2017.

LEITE, Ataíde Pereira. História Poesia. Passo Fundo: Gráfica e Editora Pe. Berthier, 1995.